

Os menires Lavajo^{do}

Afonso Vicente, Alcoutim

João Luís Cardoso

João Carlos Caninas

Alexandra Gradim

António do Nascimento Joaquim



Os menires do Lavajo (Afonso Vicente, Alcoutim)¹

João Luís Cardoso²

João Carlos Caninas

Alexandra Gradim³

António do Nascimento Joaquim⁴

¹ Este texto corresponde, no essencial, ao estudo publicado pelos autores na *Revista Portuguesa de Arqueologia* (Lisboa, 2002, vol. 5/2), com actualizações decorrentes dos trabalhos de recuperação e valorização realizados posteriormente, também sob responsabilidade do primeiro signatário.

² Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.

³ Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim.

⁴ Investigador Principal aposentado. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

ÍNDICE

P. 05	<i>Texto do Presidente</i>
P.07	<i>Resumo</i>
P.09	<i>Abstract</i>
P.11	<i>Antecedentes</i>
P.13	<i>Trabalhos realizados e resultados obtidos – Lavajo 1</i>
P.21	<i>Paralelos decorativos</i>
P.31	<i>Lavajo 2</i>
P.37	<i>Análise comparativa do espólio exumado</i>
P.43	<i>Trabalhos de protecção e de valorização</i>
P.47	<i>Conclusões</i>
P.49	<i>Bibliografia</i>

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Alcoutim / Comissão de Coordenação Regional – Algarve

Fotografias: João Luís Cardoso e Alexandra Gradim

Desenhos: Bernardo L. Ferreira, João Carlos Caninas, João Luís Cardoso, Alexandra Gradim, Fernando E. Dias

Execução Gráfica: Europress, Lda. • Tel. 219 381 450

Depósito Legal: 203888/03

O concelho de Alcoutim devido à sua localização geográfica e à distância do litoral e de outros centros urbanos encontra-se ainda numa situação de isolamento e baixo índice de desenvolvimento que a todos nos preocupa. Não há dúvida que o turismo cultural em espaço rural é um aspecto a ter em conta.

A Câmara Municipal de Alcoutim, nesta perspectiva, tem vindo a dar todo o ênfase à preservação e valorização do nosso património nomeadamente o arqueológico.

Assim, criou condições para afirmação de um grupo de trabalho vocacionado para esta área científica, de cujo labor resultou já um assinalável leque de resultados, cuja valia tem sido devidamente reconhecida. Refiro-me à existência da secção de arqueologia da Divisão da Acção Social Cultura e Desporto, à frente da qual se encontra a Dr.^a Alexandra Gradim, que, conjuntamente com uma pequena mas motivada equipa, se tem desdobrado por múltiplas actividades, desde a metódica prospecção do terreno no âmbito do acompanhamento de projectos florestais, até à organização de um núcleo museológico no Castelo de Alcoutim, dedicado à arqueologia.

É ainda de referir, o apoio que esta subunidade orgânica tem prestado à prossecução dos trabalhos arqueológicos a cargo de especialistas externos.

É, na perspectiva da gestão, valorização e divulgação do património arqueológico concelhio, que se integram os trabalhos efectuados nos núcleos megalíticos do Lavajo 1 e 2 (perto do monte de Afonso Vicente), com destaque para um grande menir decorado que pertence ao primeiro daqueles núcleos, o primeiro a ser publicado em todo o sotavento algarvio.

Completamente abandonado até termos conhecimento da sua existência, foi graças aos esforços e dedicação dos Srs. Prof. Doutor João Luís Cardoso (que dirigiu os trabalhos), Eng.^o João Carlos Caninas, Dr.^a Alexandra Gradim e Doutor António do Nascimento Joaquim, este último a quem se deve a sua descoberta, conjuntamente com a vontade da Câmara, que hoje este magnífico exemplar se encontra devidamente estudado, musicalizado e aberto ao público. Aqui, pois, os meus agradecimentos aos autores, extensivos à CCRAlgarve, que viabilizou parte dos apoios para os trabalhos efectuados e a presente publicação, tendo sempre presente que todas as ajudas são poucas para levarmos a cabo o grande desiderato que é vencermos a batalha do desenvolvimento.

O PRESIDENTE

Dr. Francisco Augusto Caimoto Amaral

Resumo

Neste trabalho apresenta-se o resultado das escavações realizadas respectivamente em 1998 e em 2001 nos núcleos de menires de Lavajo 1 e de Lavajo 2, distanciados cerca de 250 m na direcção NNE e separados pelo pequeno vale do Lavajo, bem como dos trabalhos de protecção, recuperação e valorização efectuados sobretudo no núcleo mais importante (Lavajo 1). Os locais, pelo menos actualmente, são intervisíveis, graças à implantação destacada no terreno: o núcleo de Lavajo 1 situa-se no topo de colina enquanto Lavajo 2 ocupa a linha de festo de uma encosta, conferindo ao local visibilidade tanto do lado sul como do lado norte. O conjunto de Lavajo 1 é constituído actualmente por três monólitos, todos de grauvaque: um, quase inteiro, de tendência fálca, é actualmente o maior menir de grauvaque conhecido em território português, atingindo o comprimento máximo de 3,14 m; outro, quase completo, fragmentado em três grandes blocos, possui formato estelar; o restante apresenta-se muito incompleto, dele se conservando apenas uma lasca da sua face frontal. É crível, no entanto, que pudessem existir mais monólitos, tendo em conta os abundantes fragmentos de grauvaque ali observados, quase todos com fracturas frescas. Todos os menires de Lavajo 1 se apresentam decorados, com destaque para o maior deles, o qual exhibe complexa decoração estreitamente relacionada com a morfologia do suporte lítico, de carácter fálco. Apenas para este foi possível determinar o local de implantação, correspondente a um alvéolo de planta circular e fundo aplanado, parcialmente danificado pelos trabalhos realizados em 1994, que conduziram ao seu reerguimento, infelizmente feito de forma descuidada, tendo até sido colocado no terreno em posição invertida. Seja como for, na zona culminante daquele pequeno cabeço, implantaram-se três menires decorados, os quais não podem ser vistos isoladamente, já que se articulariam directamente com o conjunto de Lavajo 2, que se avista ao longe, do outro lado do pequeno vale do Lavajo e na linha de festo da encosta, da qual ocupa a parte média. Neste segundo local, identificaram-se quatro estelas-menir não decoradas, todas de grauvaque, das quais apenas uma, representada por fragmento de pequenas dimensões, se encontrava *in situ*. Foi, no entanto, possível reconstituir a posição relativa das restantes, através da escavação integral do respectivo alvéolo, correspondente a rasgo alongado, orientado Este-Oeste, aberto no substrato geológico, constituído por xistos do Carbónico Superior finamente folheados. Deste modo, é de concluir que as estelas menir se dispunham em linha, constituindo um painel lítico contínuo. No interior do alvéolo, recolheram-se diversos artefactos ali ritualmente depositados aquando da fundação do monumento, cuja tipologia indica o Neolítico Final, cronologia aliás compatível com a do conjunto megalítico de Lavajo 1, tendo presente a iconografia patente nos menires. Muito embora não se conheça ainda suficientemente o padrão de povoamento da região no Neolítico Final, estes dois núcleos megalíticos podem ser interpretados como marcadores de territórios e/ou de espaços sagrados, sendo de destacar a existência, durante todo o ano, de água nas proximidades imediatas, recurso escasso e precioso, que propiciaria a horticultura. Por outro lado, a natureza das matérias-primas utilizadas na confecção dos artefactos encontrados (sílex, anfibólito), para além de outros materiais de circulação transregional muito mais alargada (fibrolite), evidencia a forte interacção destas populações tanto com o interior do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena), como com o litoral algarvio ou andaluz, compatível com o estágio de desenvolvimento económico do final do Neolítico do sul peninsular, atingido na segunda metade do IV milénio a. C.

Numa vasta região, correspondente a todo o sotavento algarvio, onde o megalitismo não funerário era até agora totalmente desconhecido, os testemunhos ora estudados constituem, doravante, uma das expressões mais interessantes e significativas, cuja relevância se impõe numa área muito mais vasta, correspondente a todo o Sudoeste peninsular.

Abstract

In this study, we present the results of excavations conducted in 1998 and 2001, and the subsequent works of protection and rehabilitation of two *loci* of menhirs, Lavajo 1 and Lavajo 2, located at 250 m of distance from each other, in a NNE direction and separated by the small valley of Lavajo (Alcoutim). Lavajo 1 is located on the top of a hill while Lavajo 2 is located on a slope, and both presented a good visibility southwards as well as northwards.

Lavajo 1 has three monoliths made of greywacke: one, almost complete, of a phallic appearance, and currently the largest greywacke menhir known in Portugal, reaching a maximum length of 3,14 m; another, almost complete, broken in three large blocks, with a stela-like appearance; the third, very incomplete, with only a piece of its front side left. It is possible, however, that there were once more monoliths, considering that abundant fragments of greywacke were found at the site, all with fresh fractures. All the menhirs of Lavajo 1 were decorated. The largest one has a prominent decoration, strictly related to the morphology of the lithic support, and it was possible to determine its original location, on a small pit of circular plan and flat bottom. The pit was partially damaged by works carried out in 1994 to re-erect the menhir, but conducted without care and placing the structure in reverse position. The three decorated menhirs were placed in the highest zone of the small hill of Lavajo 1, that should not be seen in isolation as they articulated directly with the group at Lavajo 2, located on the other side of the Lavajo valley.

In this second location, four undecorated stele-menhirs, all of greywacke, were discovered, of which only one, represented by a small fragment, was found *in situ*. It was, nevertheless, possible to reconstruct the relative positions of the remaining ones, through the excavation of their respective sockets, associated with an elongated groove, oriented east-west, and cut into the bedrock made up of finely foliate carboniferous schists. In this way, we concluded that the stele-menhirs were arranged in a line and constituted a continuous lithic panel. Within the pit-holes were recovered diverse artefacts ritually placed there during the construction of the monument, whose typology points to the Late Neolithic and whose chronology is compatible with that of the megalithic group at Lavajo 1, based on the iconography of the menhirs.

Although the settlement pattern of the Late Neolithic in the region is not well-known, these two megalithic nuclei could be interpreted as territorial markers and/or sacred spaces; of note is the existence of year-round water sources in their immediate proximity, water being a scarce and precious resource which would have aided in horticulture. On the other hand, the nature of the raw materials found (flint, amphibolite), in addition to other material obtained through extensive transregional trade (fibrolite), is evidence for regular interaction between populations in both the interior of the Baixo Alentejo (Ossa/Morena Zone), as well as along the Algarve or Andalusian coast, consistent with the level of economic development of the Late Neolithic of the southern Iberian Peninsula, in the second half of the IV millennium BC. In a vast region, corresponding to the entire Eastern Algarve, where non-funerary megaliths were until now totally unknown, the sites of Lavajo I and II are interesting and one of the most significant expressions of the south western Iberian megalithism.

Antecedentes

A visita de António do Nascimento Joaquim, no Verão de 1992, acompanhado de outros residentes ou veraneantes no monte de Afonso Vicente (Alcoutim), a local próximo, que conhecia de infância e onde se lembrava de ter visto uma grande pedra tombada, levou-o a admitir a hipótese de se tratar de um menir. Assim, tomou a iniciativa de contactar o primeiro signatário, na altura seu colega no Departamento de Ciências da Terra da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Em visita ao local, feita na companhia do descobridor e do Arq. M. Varela Gomes, convidado por J. L. C., na qualidade de arqueólogo que se vinha dedicando ao estudo dos menires do barlavento algarvio, constatou-se o efectivo interesse arqueológico do monólito: tratava-se de facto de um grande menir de grauvaque, rocha disponível no local. O monumento encontrava-se tombado sobre um dos lados maiores, o qual não se apresentava decorado. Junto, observaram-se lajes dispostas de cutelo, as quais se admitiu fazerem parte da respectiva estrutura de fixação. A situação de se tratar do primeiro menir identificado em toda a vasta região do sotavento algarvio, a que acrescia o facto de ser o maior do território português talhado em grauvaque, justificou a sua publicação preliminar, nela se acrescentando que era propósito dos autores prosseguirem as investigações através de escavações no local (Gomes, Cardoso e Joaquim, 1992).

Entretanto, ocorreram importantes movimentações de terras no local, nos inícios de 1994, com nítido prejuízo do monólito, então deslocado da posição anterior. Face a tal situação, a Doutora Helena Catarino, tomou a iniciativa de promover prontamente, com o apoio de colegas seus, a recolocação do menir na vertical, a qual, porém, não eliminava a prioridade científica dos autores supra citados; em Abril de 1994, estes confirmaram o seu interesse em prosseguirem os trabalhos, através da apresentação do respectivo pedido de autorização, ao IPPAR, o qual foi deferido apenas em Maio de 1995. Na sequência desta autorização, foi programada uma intervenção para a escavação da zona adjacente à da implantação do menir e solicitado o apoio logístico e financeiro à Câmara Municipal de Alcoutim a qual, em Maio de 1997, respondeu favoravelmente. Entretanto, tendo o Arq. M. Varela Gomes comunicado à autarquia a sua indisponibilidade em colaborar nos referidos trabalhos, nos termos em que estes foram definidos na proposta apresentada, foi o primeiro signatário convidado a dirigir a execução desta intervenção arqueológica, por ofício do Presidente da Câmara Municipal de Alcoutim, de Julho de 1998. Face a esta situação, foi requerida e obtida nova autorização, já por parte do IPA, em Agosto de 1998, de modo a permitir, a curto prazo, a concretização das escavações, as quais se vieram efectivamente a realizar sob sua direcção em Setembro de 1998, seis anos volvidos após a primeira visita ao local. Participaram na campanha de escavações realizada no conjunto megalítico de Lavajo 1 – que envolveu, também, o levantamento gráfico da face decorada do menir, descoberta quando do seu reerguimento, em 1994 e a investigação do que se admitia então ser um sepulcro megalítico cistóide, situado muito próximo, mas que se verificou, no decurso de curta intervenção, não ser mais do que um abrigo de pastor – os seguintes elementos, além do primeiro signatário: Doutor António do Nascimento Joaquim, natural da vizinha aldeia (“monte”, na terminologia local) de Afonso Vicente, e autor da descoberta; Eng. João Carlos Pires Caninas; e, na qualidade de técnicos da Câmara Municipal de Alcoutim, a Dra. Alexandra Gradim, Técnica Superior da área da Arqueologia, a Eng. Manuela da Palma Teixeira, Técnica Superior da área de restauro de materiais arqueológicos e Fernando José Estevão Dias, Técnico de Museografia Arqueológica, além de jovens voluntários de Alcoutim.

Entretanto, dos contactos do primeiro signatário com a Doutora H. Catarino, resultou a comunicação, por parte desta, da existência, na encosta do pequeno outeiro fronteiro ao do menir, do outro lado do vale do Lavajo, de uma estela que interessaria também investigar. Confirmada a sua existência, considerou-se que estes dois núcleos deveriam ser objecto de estudo conjunto. Deste modo, o primeiro signatário obteve autorização para esta nova exploração arqueológica, em Novembro de 2000, a qual foi confirmada em Maio de 2001, atendendo à impossibilidade daquela se ter efectuado na data

prevista, dado o mau tempo que se fez sentir por todo o País no Inverno de 2000. A realização, em Junho de 2001, das escavações no segundo núcleo megalítico, denominado Lavajo 2, contou igualmente com a colaboração da Dr^a. Alexandra Gradim e de Fernando Estêvão Dias, e, novamente, de jovens voluntários de Alcoutim. O levantamento gráfico da superfície insculturada do menir já conhecido, bem como dos restantes, que integram o conjunto de Lavajo 1 foi realizada pelo primeiro signatário e por J. C. Caninas; os desenhos de campo da área escavada em Lavajo 1 e Lavajo 2 e dos monólitos de Lavajo 2 são da autoria de F. Dias e de A. Gradim; as respectivas tintagens, bem como os desenhos de todas as peças arqueológicas exumadas, devem-se a Bernardo L. Ferreira.

Por fim, importa referir os trabalhos de conservação e valorização realizados, sobretudo em Lavajo 1, em Julho de 2003. Dado que este é o núcleo megalítico de maior valor patrimonial, efectuou-se, após autorização concedida ao primeiro signatário, a replantação do grande menir na sua posição primitiva, tendo-se aproveitado o alvéolo original, posto totalmente a descoberto no decurso da intervenção de 1998; esta iniciativa, a que se seguirá o restauro e colocação *in situ* do segundo menir daquele núcleo arqueológico, insere-se em programa mais vasto, apoiado pela C. C. R. – Algarve, dirigido por outro dos signatários (A. G.) que envolve a construção de um parque de estacionamento para viaturas, arranjos pedonais e painéis sinaléticos e explicativos, para além da edição de um desdobrável de grande tiragem e de uma colecção de postais.

Cumpre, neste trabalho, deixar expressos os agradecimentos devidos à Câmara Municipal de Alcoutim na pessoa do seu Presidente, Dr. Francisco Amaral, bem como na do Senhor Vereador da Cultura, por todos os apoios que possibilitaram a realização dos trabalhos de campo, incluindo, em tal agradecimento, os jovens que, empenhadamente, colaboraram nos trabalhos. Agradecimentos análogos de endereçam à C. C. R. – Algarve, por ter patrocinado financeiramente o projecto de valorização patrimonial e de aproveitamento turístico-cultural do núcleo de menires do Lavajo 1, no âmbito do qual se insere a presente publicação. De registar ainda a colaboração dos Bombeiros Voluntários de Alcoutim, que cederam pessoal e equipamento no âmbito da realização de uma sessão de fotografia nocturna no conjunto de Lavajo 1.

Trabalhos realizados e resultados obtidos Lavaço 1

Quando se efectuou em 1994 o reerguimento do grande menir de Lavaço 1 (doravante referenciado como menir n.º 1), ainda que incorrectamente – pois foi colocado em posição invertida no terreno – verificou-se que a face até então oculta se apresentava decorada (Fig. 1); deste modo, era prioritária a execução do respectivo registo gráfico; por outro lado, importava proceder a escavação na área de implantação do menir – que nada garantia à partida fosse a primitiva, como depois se verificou – tendo em vista a identificação de estruturas anexas, ou da própria estrutura de fundação deste, que provavelmente correspondia a algumas pedras colocadas de cutelo, observadas aquando da primeira visita em 1992 e entretanto desaparecidas, devido aos profundos remeximentos no terreno realizados pouco tempo antes (finais de 1993 ou inícios de 1994) pelo seu proprietário. Mais tarde, importaria proceder à recolocação correcta do menir no terreno, o que implicava a detecção do local de implantação primitiva e a inversão da sua posição vertical, tarefa já efectuada e de que se dará adiante conta.



* Fig. 1 – O grande menir do Lavaço 1 (menir n.º 1) antes da realização das escavações de 1998. Em segundo plano, observa-se um dos três fragmentos do menir n.º 3.

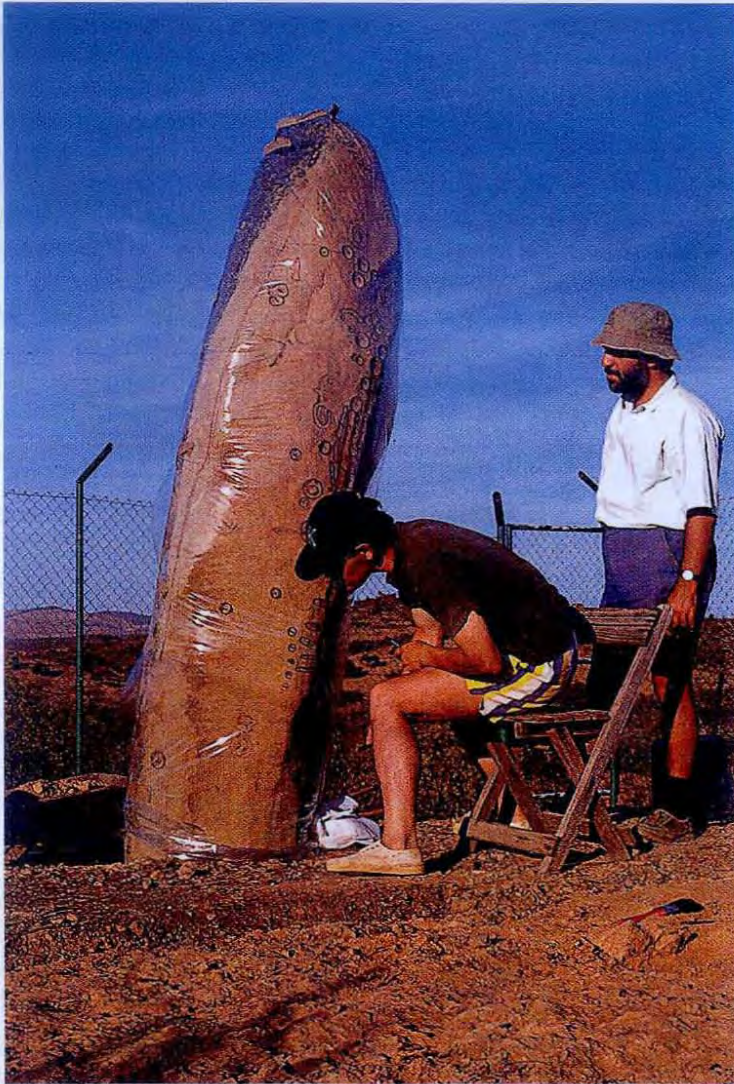


Fig. 2 – Levantamento gráfico da face insculturada do grande menir do Lavajo 1 (menir n.º 1), no decurso da intervenção arqueológica de 1998.

No respeitante ao levantamento gráfico da face insculturada, foi utilizado plástico cristal, sobre o qual se decalcaram os motivos nela existentes (Fig. 2); o original assim obtido, à escala natural, foi ulteriormente reduzido e tintado, depois de confirmado em pormenor, mediante os registos obtidos em sessão fotográfica nocturna (Fig. 3). Quanto à escavação do terreno adjacente, a decapagem da camada de solo superficial, feita em dois rectângulos paralelos, abertos de ambos os lados do menir permitiu verificar que o substrato geológico constituído por xistos do Carbónico Superior, finamente folheados (fácies *flysch*), no rectângulo do lado Sul, era ali sub-aflorante, não se verificando a existência de qualquer depósito ou estrutura (Fig. 4), a não ser uma quase insensível depressão, que constituiria o fundo do alvéolo de fixação de um dos dois outros monólitos que coroavam o topo do cabeço, adiante referidos em pormenor. No fundo dessa pequena depressão, encontrou-se minúsculo bordo de recipiente liso, não espessado, pertencente a taça ou a pequeno esférico (Fig. 13, n.º 2).

A escavação foi aprofundada do lado Norte, pois importava averiguar se ainda se conservavam restos da possível estrutura de fixação original observada em 1992. Com risco de provocar o tombamento do grande monólito e, com ele, um grave acidente, o aprofundamento da escavação ultrapassou, em resultados, muito do que à partida se imaginava.

Assim, logo a pequena profundidade, deparou-se com um grande fragmento de grauvaque decorado com um círculo feito a picotado (Figs. 5, 6 e 7), o qual evidenciava, pela fractura fresca, que ocupa toda a face oculta, ter sido recentemente destacado de um menir semelhante ao já conhecido; o seu aspecto tabular é compatível com a parte

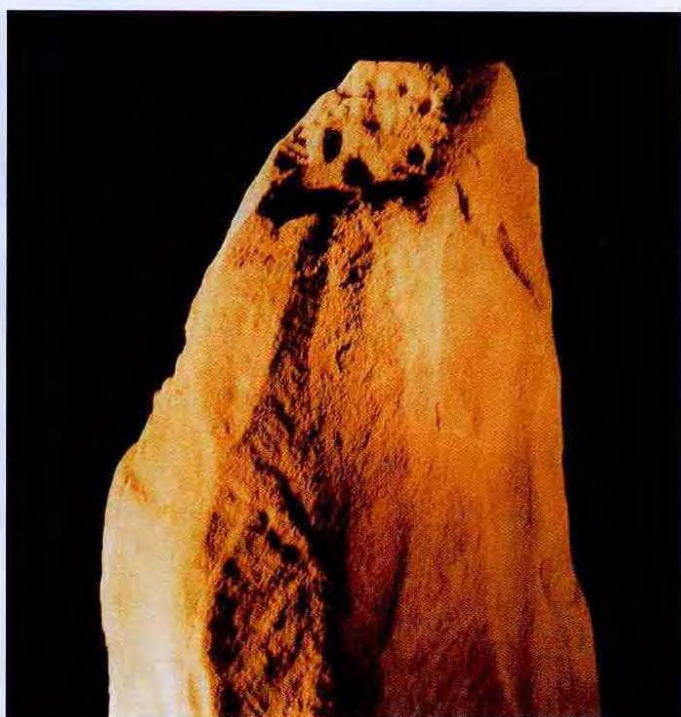


Fig. 3 – Vistas nocturnas, com luz rasante, da parte inferior do grande menir do Lavajo 1 (menir nº. 1), em baixo, obtida em 1998 e da sua extremidade superior, obtida em 2003.



Fig. 4 – Vista parcial do sector sul da escavação de Lavajo 1, evidenciando-se a presença do substrato geológico subaflorante, correspondente a xistos e grauvaques do Carbonifero marinho (fácies “flysch”), constituindo superfície extensa e regular.

frontal de um monólito, talvez uma estela-menir, cujas dimensões originais se desconhecem (foi designado por menir n.º 2); com efeito, a grande quantidade de blocos de grauvaque utilizados como calços do grande menir no local, aquando da intervenção não autorizada de 1994, todos com fracturas frescas, conduz à hipótese de resultarem do estilhaçamento anterior de uma única peça, que teria dimensões semelhantes à do exemplar intacto (menir n.º 1). Ao lado deste fragmento, e disposto transversalmente à fossa executada por retroescavadora em 1994 para nela se reimplantar o menir n.º 1, encontrou-se, pouco depois, outro fragmento de menir decorado (Fig. 5 e 8), o qual pertence a um terceiro monólito (menir n.º 3), também até então desconhecido, e que foi integralmente por nós reconstituído.



Fig. 5 – Pormenor do sector norte da escavação de Lavajo 1. Do lado esquerdo, o grande menir (menir n.º 1) fixado verticalmente em 1994, com a ajuda de calços de grauvaque, correspondentes a pedaços de outros menires. Este dispositivo foi reforçado com um grande fragmento de menir insculturado com “cavinhas”, visíveis na imagem (menir n.º 3). Em segundo plano, fragmento tabular, correspondente a porção frontal de outro menir (menir n.º 2), tal como jazia, no meio das terras remexidas.

Uma vez removidos da área escavada os dois fragmentos aludidos, verificou-se que o segundo assentava em parte sobre o primitivo alvéolo de fixação, distanciado cerca de um metro do local onde se implantou o menir em 1994. O alvéolo corresponde a depressão arredondada, com cerca de 0,70 m de diâmetro máximo e fundo aplanado, aberto no substrato xistoso (Fig. 9). Nas Figs. 5 e 9, são bem visíveis diversos fragmentos de grauaque, de menires partidos, colocados de cutelo junto à base do grande menir, preenchendo o rasgo executado mecanicamente em 1994 para a sua fixação, igualmente registados na planta da área escavada (Fig. 10).

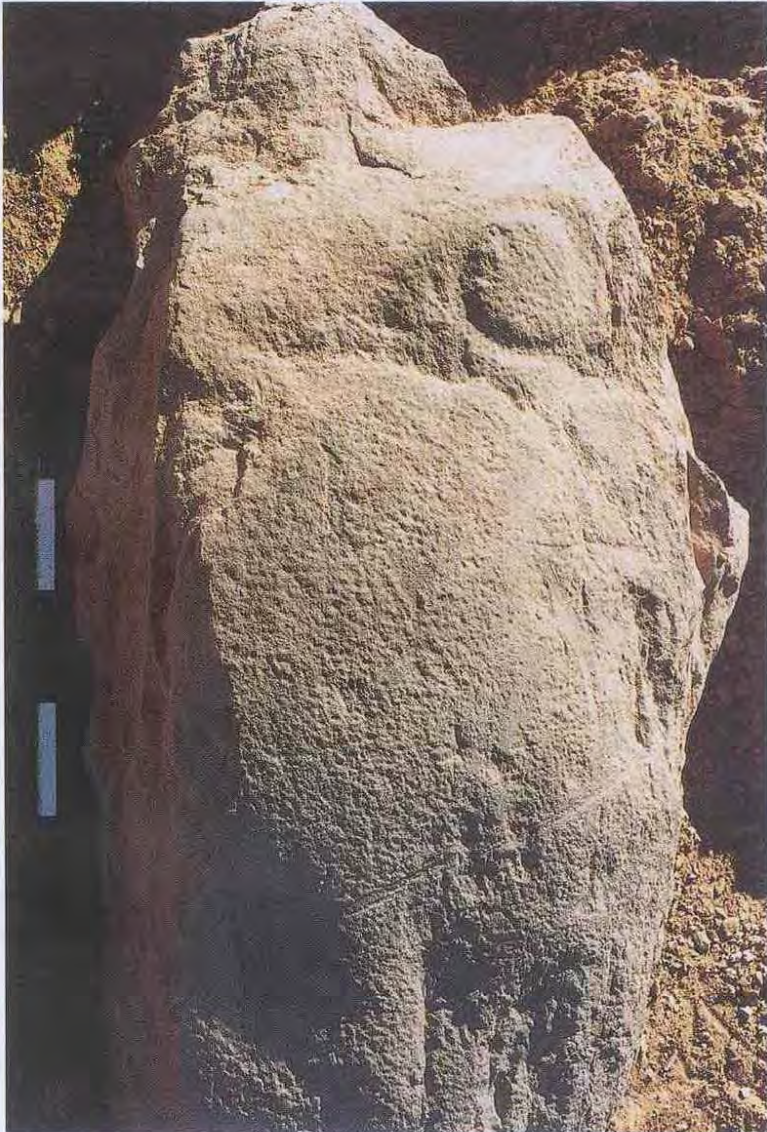
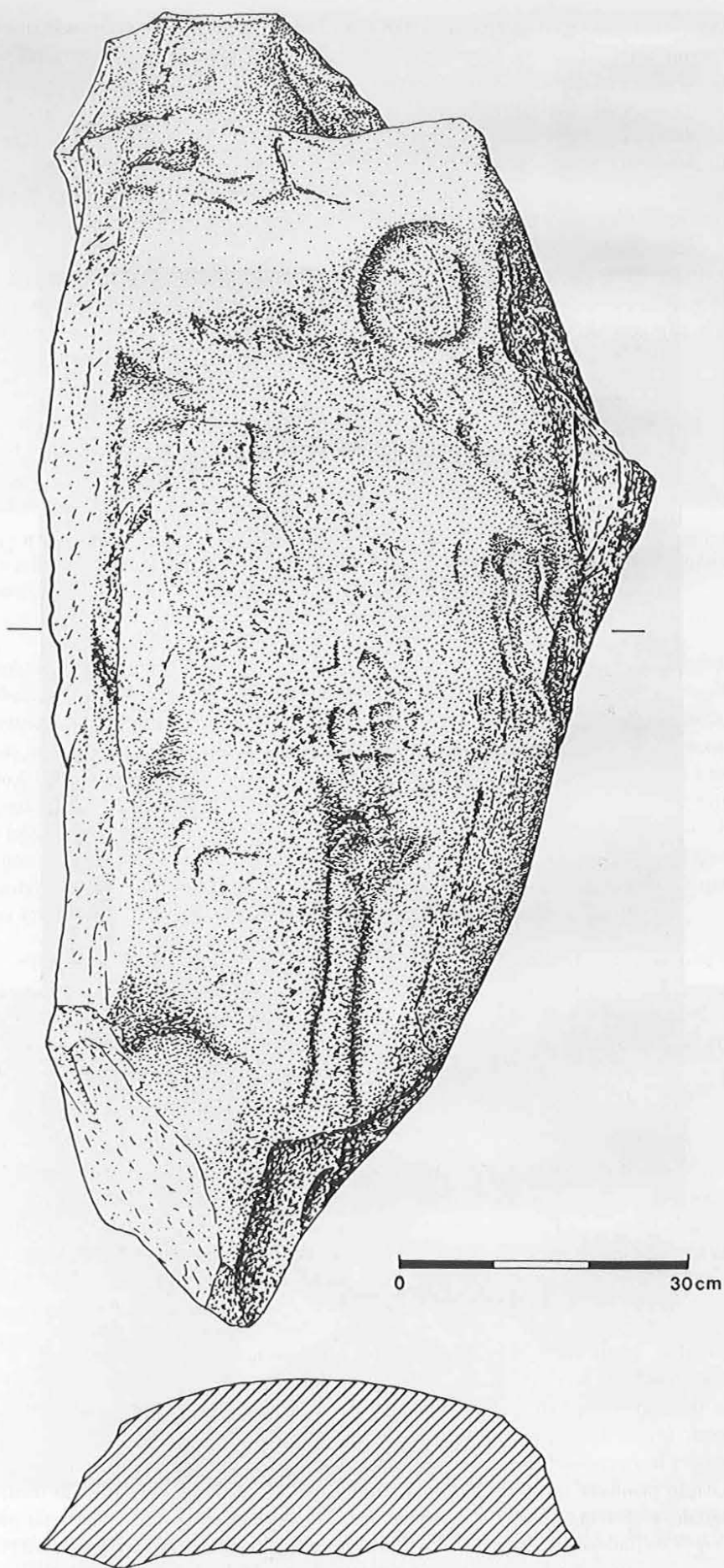


Fig. 6 – O menir n.º 2 do Lavaço 1. Evidencia-se uma circunferência, produzida a picotado, extensivo a toda a área conservada, assim afeiçãoada.

Dos dois fragmentos de menir recolhidos na escavação, um deles (menir n.º 2) (Figs. 6 e 7), de formato tabular, pode observar-se no núcleo arqueológico do castelo de Alcoutim. O outro fragmento, igualmente partido de fresco, pertencera a um terceiro menir (menir n.º 3), reconstituído na sua quase totalidade, a partir de mais dois grandes fragmentos abandonados nas proximidades (Fig. 8); conserva-se no interior da vedação mandada colocar pela Câmara Municipal de Alcoutim em torno do menir erguido e será brevemente objecto de trabalho de restauro para de novo ser ali reerguido. Trata-se de um menir longo e aplanado, que justifica a designação de estela-menir, com uma das faces afeiçãoada por picotado e coberta de inúmeras “covinhas”, produzidas por picotado a que se seguiu, nalguns casos, a sua regularização por abrasão rotativa.



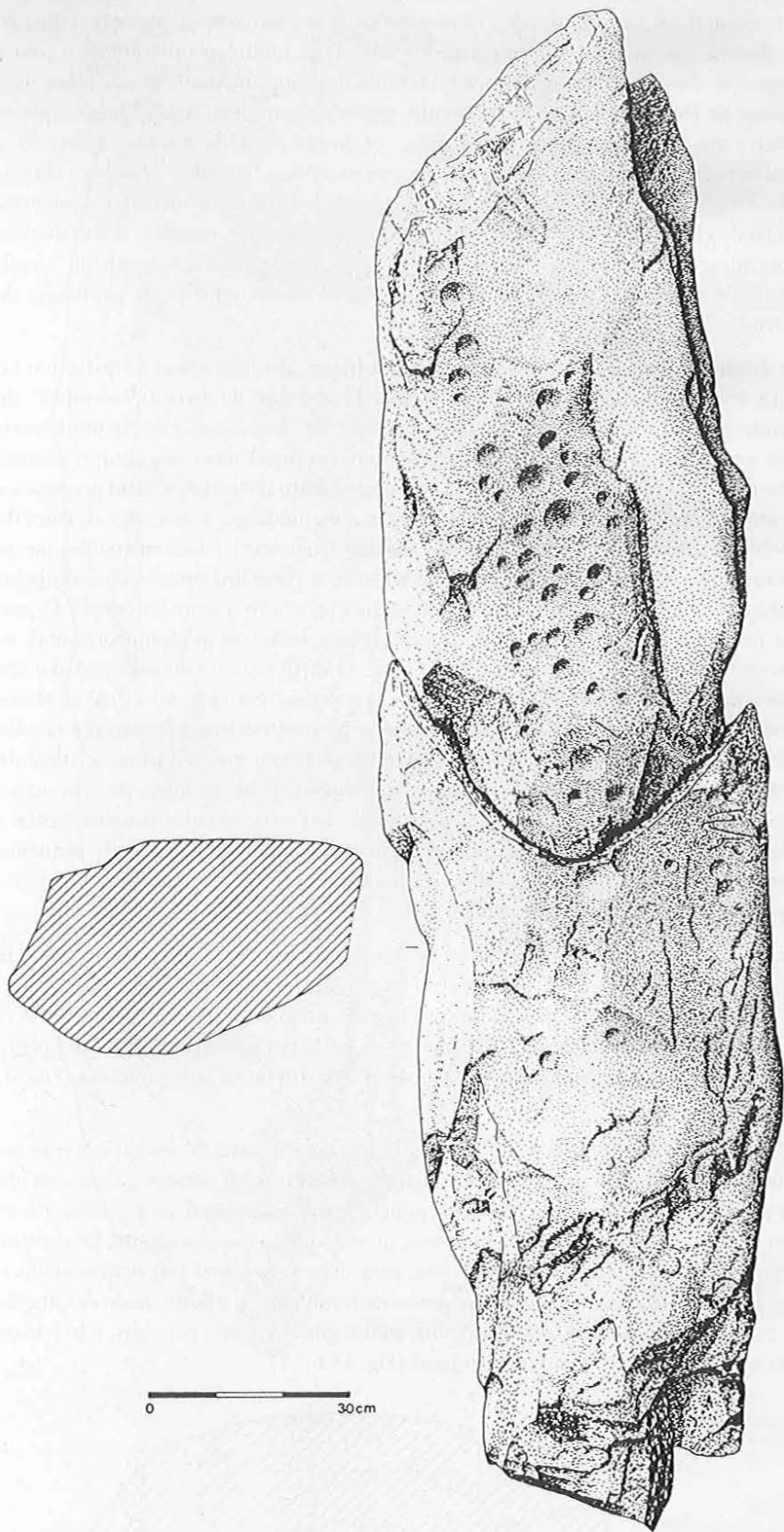
18 * Fig. 7 - Levantamento gráfico do menir nº. 2 do Lavajo, correspondente a fragmento tabular, exposto no núcleo museológico do castelo de Alcoutim.

No contexto descrito, avulta, naturalmente, a iconografia patente no grande menir (menir n.º 1) (Fig. 11). O programa decorativo é constituído por sulcos verticais, “covichas” e diversas formas geométricas (circunferências, “ferraduras”) e antropomórficas, organizadas de diversos modos. A impressão geral que se tem quando se observa o conjunto é que se pretendeu articular a morfologia do monólito com a disposição decorativa. Com efeito, é no sentido do alongamento da peça e sobre uma espécie de toro, volumoso e proeminente, que a percorre longitudinalmente, que se observa um sulco, largo e pouco profundo, obtido por picotado seguido de abrasão, o qual se encontra pontuado, no seu interior, por sucessivas “covichas”, também obtidas pela mesma técnica (picotado seguido de abrasão). Este sulco mediano, verdadeira “linha da vida”, ideia sublinhada pelo aspecto fálico do menir, constitui o eixo de toda a organização decorativa, e o seu desenvolvimento encontra-se acompanhado lateralmente de dois outros sulcos, mas de comprimento menor, igualmente pontuados de “covichas”.

Na extremidade do menir outrora enterrada, existem alguns motivos os quais, por tal facto, não seriam visíveis (Figs. 3, em baixo e 11: é o caso de diversas “covichas”, de grandes dimensões, dispostas sem ordem aparente, de “ferraduras” e de circunferências com representação punctiforme no centro. Ainda no limiar da zona presumivelmente enterrada, observa-se, de um dos lados, um alinhamento vertical de quatro pequeninas “covichas”, motivo que se repete na parte mesial do monólito, e de ambos os lados do sulco central com respectivamente, seis e cinco “covichas”. Pouco acima do que se admite fosse a linha de implantação no terreno, o monólito ostenta dois símbolos antropomórficos, ambos de características sexuais presumivelmente femininas. De um dos lados, observa-se um triângulo isósceles, cuja base, em posição horizontal, se apresenta interrompida por curto traço vertical. O vértice oposto do triângulo, por seu turno, parece corresponder ao centro de uma circunferência radiada, a qual só muito dificilmente se observa: no caso, tal foi apenas possível evidenciá-la com luz rasante (Fig. 12). Do lado oposto, observa-se um outro motivo a que se atribui igualmente carácter sexual: trata-se de uma elipse interiormente septada ao longo do eixo maior, associada a cruciforme, que se situa numa das suas extremidades (originalmente a inferior) (Fig. 11). De referir, ainda, a existência de conjuntos radiantes de pequenos segmentos, perpendiculares ao sulco central principal e de ambos os lados deste, observáveis na parte média do monólito.

A extremidade superior deste menir só foi possível observar em pormenor em Julho de 2003, quando se procedeu à sua reposição no terreno. Verificou-se, então, que ostentava, sobre um fractura oblíqua, com aspecto mais irregular e rugoso que a superfície lateral do monólito, um conjunto de “covichas” feitas por picotagem, através de ponta dura, dispostas em torno de uma que constitui o centro de tal circunferência (Figs. 3, em cima e 11).

Tais motivos, com excepção do sulco longitudinal e de algumas “covichas” de maiores dimensões, produzidas por picotado seguido de abrasão, foram obtidos exclusivamente por picotado, sendo evidentes as marcas punctiformes dos respectivos impactos, talvez com recurso a “picos” de quartzo filoneano, matéria-prima que se encontra localmente disponível. Como materiais arqueológicos, para além do pequeno fragmento cerâmico supra referido, recolheu-se apenas, nas terras de revolvimento e deste modo desprovida de contexto, uma bela enxó de anfibolito com o gume intacto, por certo relacionada com as práticas rituais realizadas no local (Fig. 13 n.º 1).



* Fig. 8 - Levantamento gráfico do menir nº. 3 do Lavajo, fragmentado em três grandes pedaços, o qual será objecto de restauro e ulterior fixação no terreno.

Paralelos decorativos

Os dois monólitos fragmentados insculturados descobertos em 1998 (menires n.º 2 e 3) são os de mais simples abordagem, em virtude da singeleza dos motivos decorativos que ostentam, o que não quer dizer que a discussão sobre os mesmos não encerre profundas insuficiências, de momento inultrapassáveis. Com efeito, o grande fragmento (menir n.º 2), ostentando afeição e uma grande circunferência a picotado (Figs. 6 e 7), inscreve-se dentro da arte esquemática do ocidente peninsular, cuja cronologia, à falta de melhores provas, se tem situado entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze, ou, em termos de cronologia absoluta, entre os finais do IV milénio a.C. e os meados do II milénio a.C. Cronologias mais específicas foram tentadas em alguns locais, como o Complexo de Arte Rupestre do vale do Tejo, onde se observou, com base na análise estilística das respectivas manifestações artísticas, segundo os dois autores que sobre ele mais se têm debruçado (A. M. Baptista e M. V. Gomes), uma sequência evolutiva. No entanto, a evolução defendida por cada um deles é diferente. Assim, para A. M. Baptista, a tipologia das figuras geométricas, como a espiral, presentes em diversas culturas cronologicamente e geograficamente muito afastadas, são símbolos “cuja larga expansão mediterrânica e atlântica não é passível da redução difusionista por muito tempo defendida por velhos orientistas” (Baptista, 1981, p. 39); na arte do Tejo, é um dos motivos mais típicos dos seus momentos finais, representados pela sua Fase III. É justamente nesta fase, claramente geométrica e esquemática, no entender daquele arqueólogo, que pontificam os “círculos” simples (ou antes, “circunferências”, querendo ser rigoroso na terminologia) – presentes já na Fase II – e seus derivados, “círculos” concêntricos com o centro assinalado por punctiforme, além de outras figuras geométricas, admitindo-se mesmo, “que tenha, a partir de certo momento, substituído a espiral no tipo de associação especialmente com zoomorfos” (Baptista, 1981, p. 41). Na estação do Cachão do Algarve, a associação da circunferência a uma figura humana, de que constitui o ventre – tendo sido interpretada por A. M. Baptista, por essa razão, como muito possivelmente feminina – coloca a questão do significado simbólico deste motivo geométrico, tema que, naturalmente,



* Fig. 9 – Pormenor do sector norte da escavação de Lavajo 1. Em primeiro plano, observa-se o alvéolo de fixação do grande menir (menir n.º 1), de planta elipsoidal e fundo aplanado, escavado nos xistos carboníferos sub-aflorentes. Em segundo plano, vê-se o rasgo, feito com pá mecânica, em 1994, destinado à fixação do menir, com a ajuda de fragmentos de outros menires (ver Fig. 5).

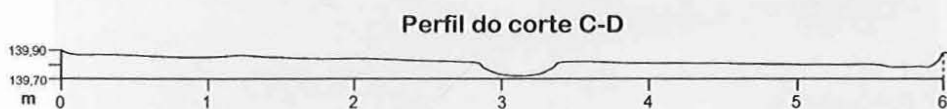
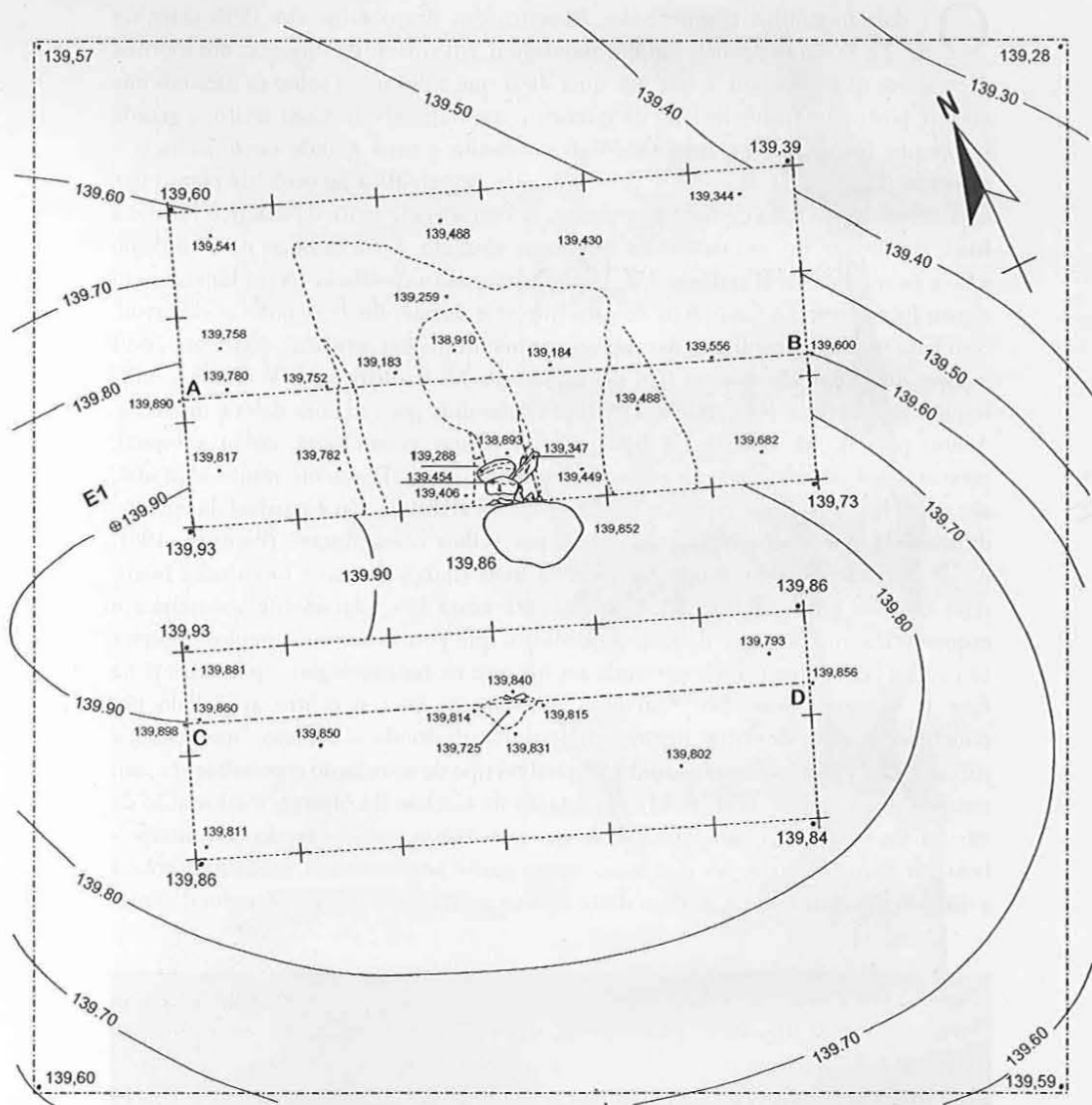
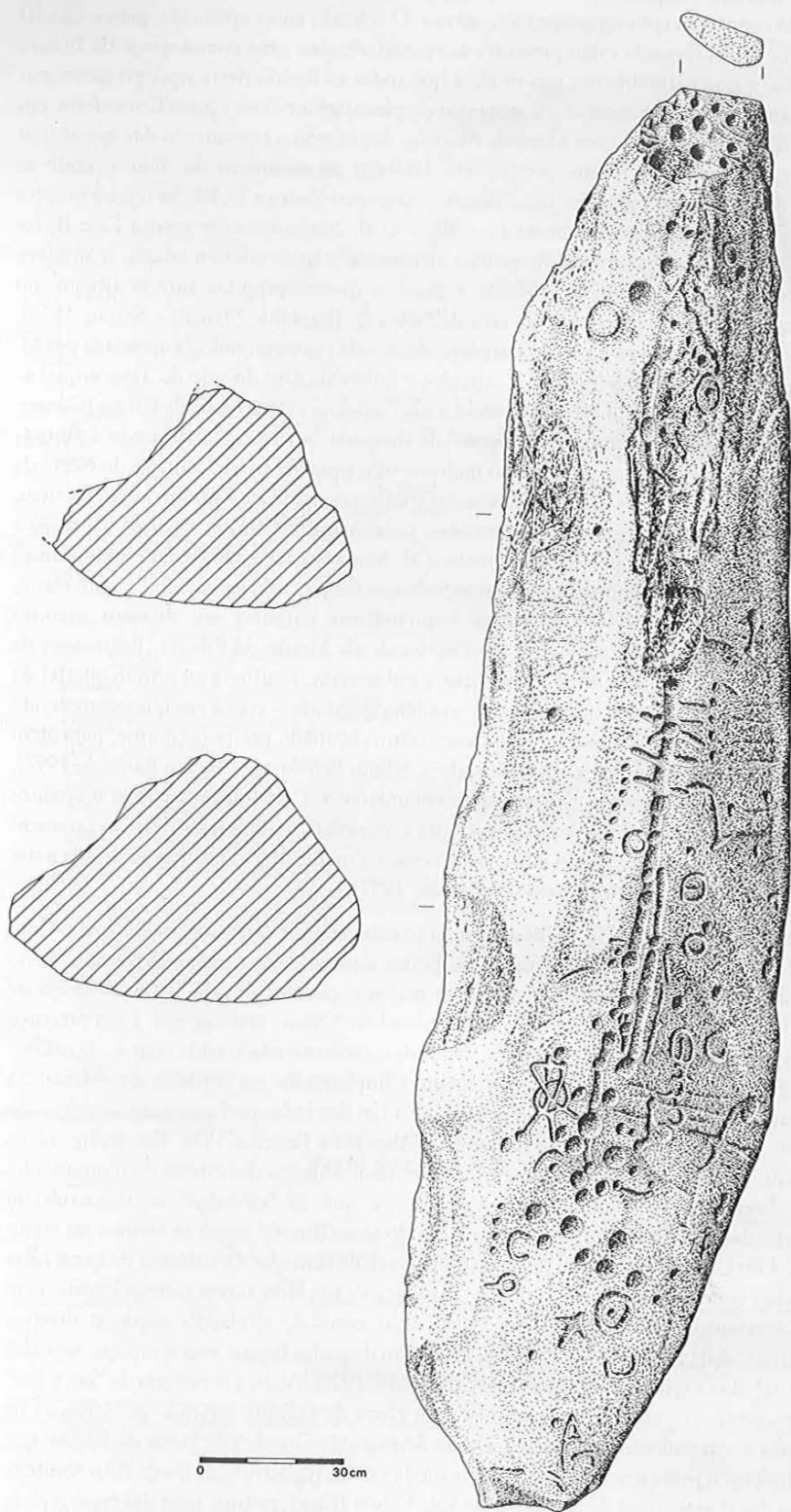


Fig. 10 - Planta da área escavada em Lavajo 1. O corte A-B evidencia o perfil do alvéolo de fixação primitivo do grande menir (menir n.º 1), enquanto o corte C-D intersecta pequena depressão, existente no sector sul da área escavada, correspondente eventualmente ao fundo do alvéolo de fixação de um dos outros dois menires identificados.

não será agora objecto de discussão, sem deixar, contudo, de se referir que é frequente a sua conotação com representações astrais. O referido autor apresenta, para a fase III da rocha F-155, onde estão presentes as circunferências, uma cronologia já do Bronze Pleno, o que naturalmente não implica que todas as figuras deste tipo, presentes nas restantes rochas das diversas estações do complexo, sejam dessa época. Com efeito, em 1978, o mesmo autor, com Manuela Martins, discutindo o faseamento das insculpturas da estação de São Simão, pertencente também ao complexo do Tejo, e onde se reconheceram 562 circunferências simples, correspondentes a 37,3% das representações identificadas, integraram-nas na Fase III, a qual, conjuntamente com a Fase II, foi correlacionada coma cultura megalítica alentejana, a qual, como é sabido, se inscreve essencialmente no Neolítico Médio e Final, e que os próprios autores situam, no trabalho referido, com *terminus* cerca de 2500 a.C. (Baptista, Martins e Serrão, 1978). Ora, esta conclusão encontra-se em pleno desacordo com a cronologia apontada por M. V. Gomes para o seu período dos “círculos e linhas” da arte do vale do Tejo, o qual se incluiria já na Idade do Ferro, descendo a sua cronologia até à época de Cristo (Gomes, 1990, p. 172). No entanto, a iconografia da chamada “arte megalítica” tanto a pintada como a insculptada no interior dos monumentos megalíticos do Centro e do Norte de Portugal – onde abundam circunferências e linhas onduladas, a par de outros motivos, incluindo representações antropomórficas, zoomórficas e estelares – parece dar razão à cronologia apontada por A. M. Baptista e M. Martins para a última fase de S. Simão, onde, como se viu, pontificam as circunferências simples. Tal iconografia é, com efeito, compatível com as representações esquemáticas patentes em diversos menires alentejanos, com destaque para a estela-menir do Monte da Ribeira, Reguengos de Monsaraz – que, segundo os autores que a publicaram, se situará no último quartel do IV milénio a.C., ou na transição para o milénio seguinte – época em que ocorrem, até com abundância, as circunferências com centro ocupado por punctiforme, para além de outros motivos geométricos (Gonçalves, Balbín Behrmann e Bueno Ramírez, 1997). Na verdade, é frequente a presença de circunferências gravadas em outros monólitos alentejanos do distrito de Évora, associadas a “covinhas” (Gomes, 1994); mais raramente, aquela figura aparece em alto-relevo, como no menir de Vidigueiras, associada a um “báculo”, também em alto-relevo (Gomes, 1997).

A estela-menir n.º 3 (Fig. 8), oferece uma temática também pouco característica. Com efeito, representações de “covinhas” dispostas aleatoriamente, como as observadas no monólito em apreço em uma das faces maiores, podem ter sido feitas ao longo de milénios, com intuítos hoje difíceis de vislumbrar. Crê-se, todavia, que a sua presença em certos monumentos megalíticos esteja directamente relacionada com a sua utilização primária. Assim, um dos dois menires implantados na periferia do dólmen da Granja de São Pedro, Idanha-a-Velha, possuía um dos lados profusamente insculptado com tais elementos, de várias dimensões (Almeida e Ferreira, 1970, Est. II, fig. 1), os quais, segundo os mesmos autores, são extensivos a alguns dos esteios do monumento. A observação da fotografia publicada sugere que as “covinhas” se desenvolviam alinhadas segundo o próprio alongamento do monólito, tal como se verifica no menir n.º 1 do Lavajo 1. Ainda no sul da Beira Baixa, é de assinalar a existência de numerosas rochas com “covinhas” insculptadas, as quais, por um lado, foram correlacionadas com monumentos dolménicos e, por outro, com ermidas, revelando, segundo diversos autores, uma imemorial tradição da utilização daqueles lugares como espaços sagrados e simbólicos (Henriques, Caninas e Chambino, 1995). Aliás, a existência de “covinhas” foi assinalada pelos mesmos autores num bloco de granito, servindo de ombreira da porta a um palheiro perto da capela da Senhora da Graça, Vila Velha de Ródão, que admitem ter sido originalmente um menir. Já na rica região megalítica do Alto Alentejo, um dos dois menires da Charneca de Vale Sobral (Nisa), possuía uma das faces repleta de “covinhas”, as quais ultrapassariam o limite exposto da peça, quando colocada verticalmente. Os autores, concluem que “houve, portanto, a intenção de as deixar enterradas e encobertas, pelo menos em parte, quando a peça estivesse levantada, facto que sugere a hipótese das covinhas estarem conotadas com a terra ou com um nível cosmológico subterrâneo onde residiriam as forças telúricas” (Monteiro e Gomes, 1977, p. 200). Esta observação reveste-se de muito interesse, por vir conferir um significado a algumas das insculpturas do menir do Monte da Ribeira e a algumas patentes no menir n.º 1 do Lavajo 1 que se encontrariam também ocultas, visto se situarem na parte



✱ Fig. 11 - Levantamento gráfico do grande menir do Lavajo 1 (menir nº. 1).

primitivamente enterrada dos monólitos. Terá sido, igualmente, tal razão que explica os casos de os esteios ou a cobertura da câmara de diversos dólmenes do Alto Alentejo se apresentarem decorados por numerosas “cavinhas”, que nada indica terem sido produzidas após a erosão do montículo tumular. A título de exemplo, cita-se apenas as inúmeras referências que tanto Vergílio Correia, no tocante aos dólmenes da região de Pavia (Correia, 1921), como Georg Leisner (Leisner, 1949), fazem quanto à existência de tais insculpturas. Mais recentemente, foi referida a existência de dois esteios-estela, marcando a entrada do corredor da Anta 2 do Olival da Pega (OP 2), com centenas de cavinhas insculpturadas (Gonçalves, 1999).

Outro monumento funerário que revelou ligação a um monólito decorado, foi o dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo, Évora; trata-se de uma estela-menir que se encontrava tombada, junto da entrada, ostentando, entre outros motivos, várias “cavinhas” insculpturadas (Gonçalves, 1975, p. 8). Esta situação encontra estreito

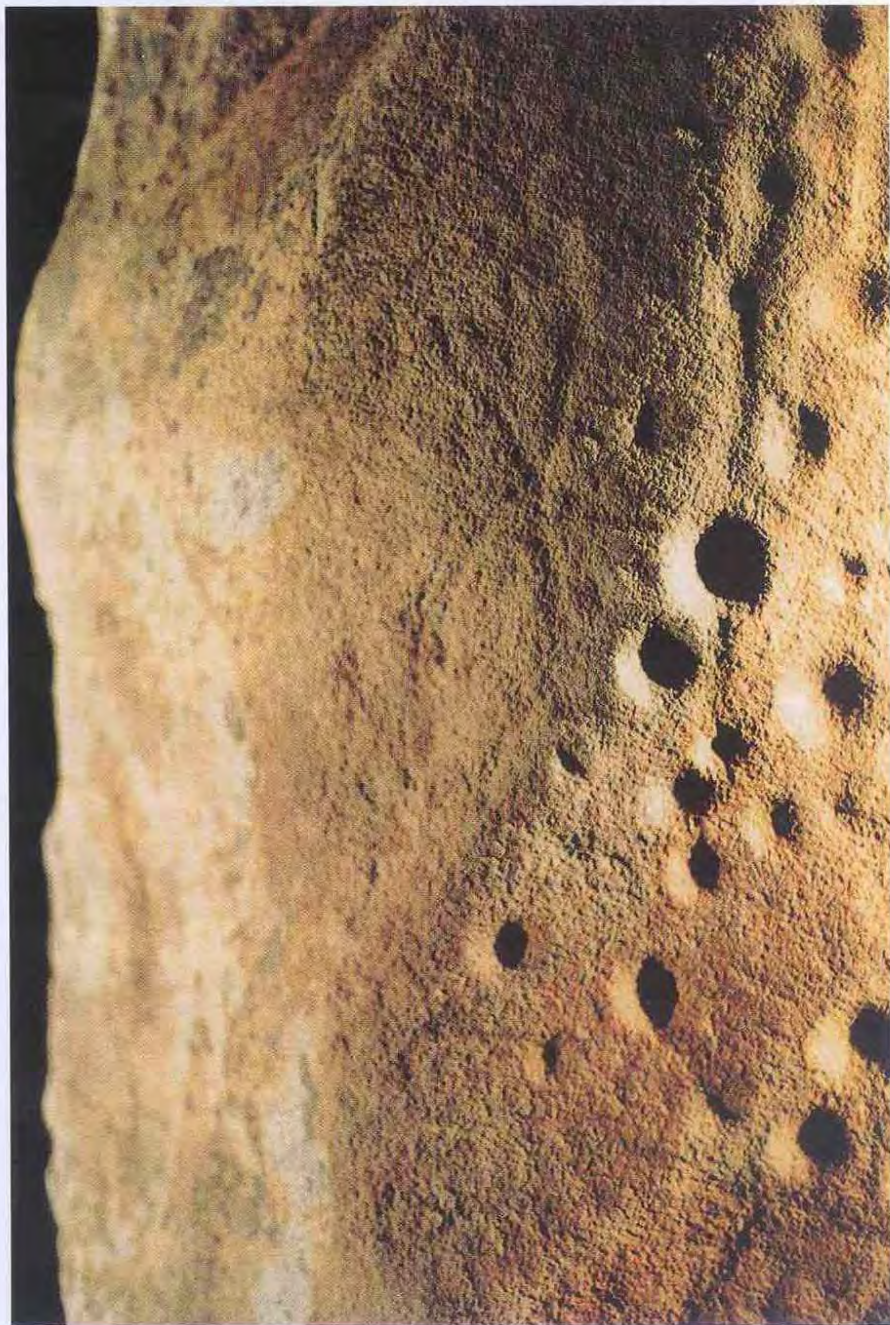
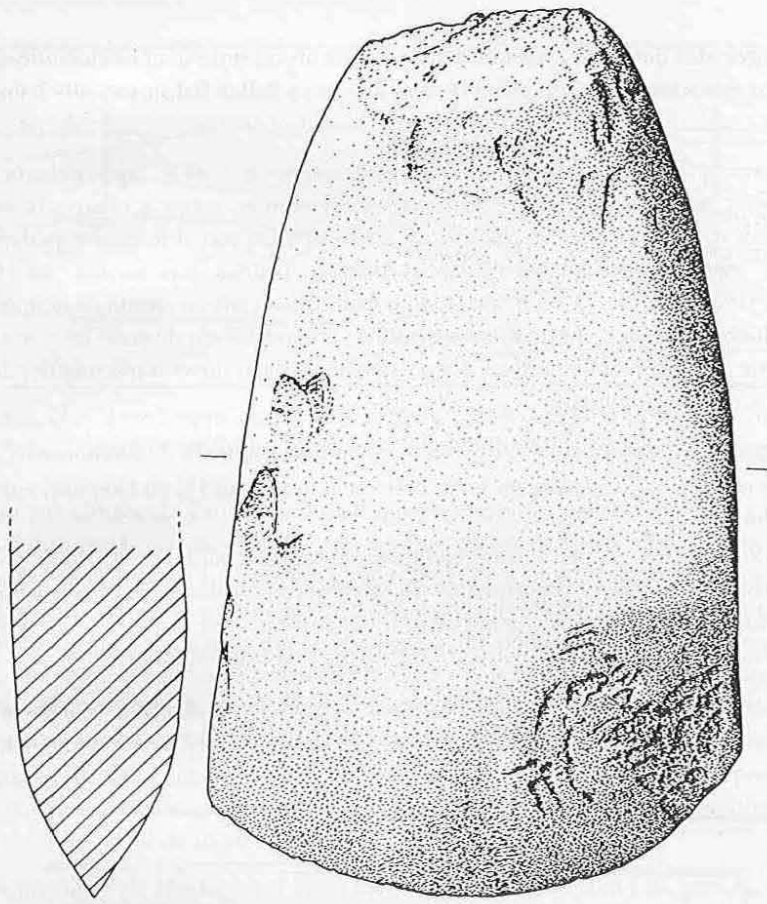


Fig. 12 – Pormenor da superfície insculpturada do grande menir do Lavajo 1 (menir n.º 1), obtido com luz artificial rasante. No alto, ao centro, observa-se triângulo isósceles invertido, com a base intersectada por traço vertical, com prolongamento radiado a partir do vértice (ver Fig. 11).

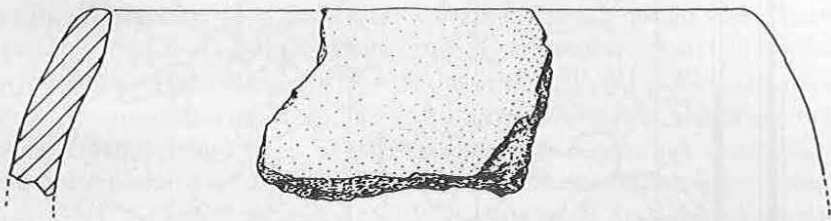
paralelo na grande estela-menir tombada junto ao limite da mamoa da Anta Grande do Zambujeiro, Évora, em cuja superfície exposta são também visíveis numerosas “covinhas” (Gomes, 1997). Também na notável região megalítica de Reguengos de Monsaraz se reconheceram “covinhas”, tanto em menires como em rochas insculturadas. Sem ter a preocupação de esgotar o tratamento deste assunto, importa, no entanto, assinalar alguns exemplos mais directamente conotáveis com a estela-menir n.º 3 de Lavajo 1 e, em especial, com o alinhamento de “covinhas” nela observado, ao longo de um sulco previamente delineado. O alinhamento de “covinhas” observado no menir n.º 3 do Lavajo 1, tem paralelo, embora não tão nítido, no grande menir de fálco da Herdade do Xarez, Reguengos de Monsaraz, encontrado já tombado, onde J. P. Gonçalves identificou alinhamento de 13 “covinhas” (Gonçalves, 1972, Fig. 11, 1976, p. 44). A reapreciação deste notável menir, que ocupava a área central de ainda mais notável recinto, considerado como possuindo planta sub-quadrangular, constituído por cerca de 50 menires, foi recentemente efectuada, no âmbito dos trabalhos arqueológicos de minimização dos impactes do projecto de Alqueva. Deste modo, foi possível contabilizar em vinte e oito o número de covinhas ali patentes, das quais 7 definem o alinhamento já identificado por Pires Gonçalves, enquanto outras se organizam de forma menos evidente. Tais covinhas também ocorrem em cinco dos menires periféricos, com destaque para o menir 51, com dez, executadas no topo, que é aplanado, cuja distribuição sugeriu a utilização no “jogo da serpente” (Gomes, 2000, Quadro VI e Fig. 80, 81). Outro paralelo importante da mesma região é o menir 1 dos Perdigões, o qual exhibe um dos lados totalmente preenchido por “covinhas”, organizadas nitidamente segundo uma linha longitudinal que percorre, a todo o comprimento, o monólito (Gomes, 2000, Fig. 78).

No santuário exterior do Escoural, Montemor-o-Novo, cuja cronologia remonta aos finais do IV/inícios do III milénio a.C., uma das associações encontradas era constituída por alinhamentos de pequenas “covinhas” (Gomes, Gomes e Santos, 1983, Fig. 5, J), cuja disposição não se pode considerar como aleatória. Por último, e sem a preocupação de apresentar um levantamento exaustivo das ocorrências de “covinhas” alinhadas na arte megalítica, refira-se que o recinto do Monte Novo, nos Chãos de Sines, “inclui pequenos menires estelares, um deles decorado com covinhas alinhadas” (Gomes, 1997, p. 33).

Em território espanhol, devem mencionar-se alguns monólitos cujas características os aproximam das descritas. Tal como se verifica em Portugal, situar-se-ão, genericamente, no Neolítico Final/Calcolítico. É o caso do menir de Guadyerbas, Toledo, o qual possui, numa das faces, complexa teoria decorativa organizada longitudinalmente, cujo centro é ocupado, tal como no exemplar de Alcoutim, por um alinhamento de “covinhas” que, nalguns casos, se encontram ligadas por sulco, ondulado, que parte da base do monólito (Bueno Ramírez *et al.*, 1999, Fig. 13). Trata-se do exemplar que maiores semelhanças exhibe com o português, conquanto seja mais pequeno, pois tem apenas 1,26 m de comprimento, comparativamente aos 3,14 m deste último. Ainda na província de Toledo, os referidos autores escavaram o dólmen de Navalcañ, no interior de cuja câmara depararam, ainda na posição primitiva, com estela-menir decorada; outros monólitos, igualmente decorados (um menir e diversos esteios) foram encontrados no decurso da escavação deste monumento funerário. É a referida estela, claramente antropomórfica (já que é munida na parte inferior de um cinturão, como o menir do Monte da Ribeira) e de aspecto fálco, que, no contexto deste estudo mais importa referir: com uma altura acima do solo primitivo de 1,55 m, possuía uma das faces decoradas com diversas linhas onduladas, onde avulta uma grande serpente em baixo-relevo que ocupa toda a parte central do referido lado. O lado oposto mostra um conjunto de “covinhas” orientadas também ao longo do comprimento do monólito; num dos lados menores, entre outros motivos, avulta um “báculo” em alto-relevo (Bueno Ramírez *et al.*, 1999, Fig. 33-39). Enfim, são ainda os mesmos autores a assinalar no complexo dólmen de El Guadalperal (Cáceres), a associação de linhas onduladas e serpentiformes a “covinhas”, em uma grande estela-menir ali reconhecida, implantada à entrada da câmara. Aliás, a associação de linhas onduladas, para além de “covinhas”, também se verifica a circunferências, como a representada no menir n.º 1 de Lavajo 1; na Galiza, a Mamoia de Braña possuía diversos esteios insculturados com



1



2

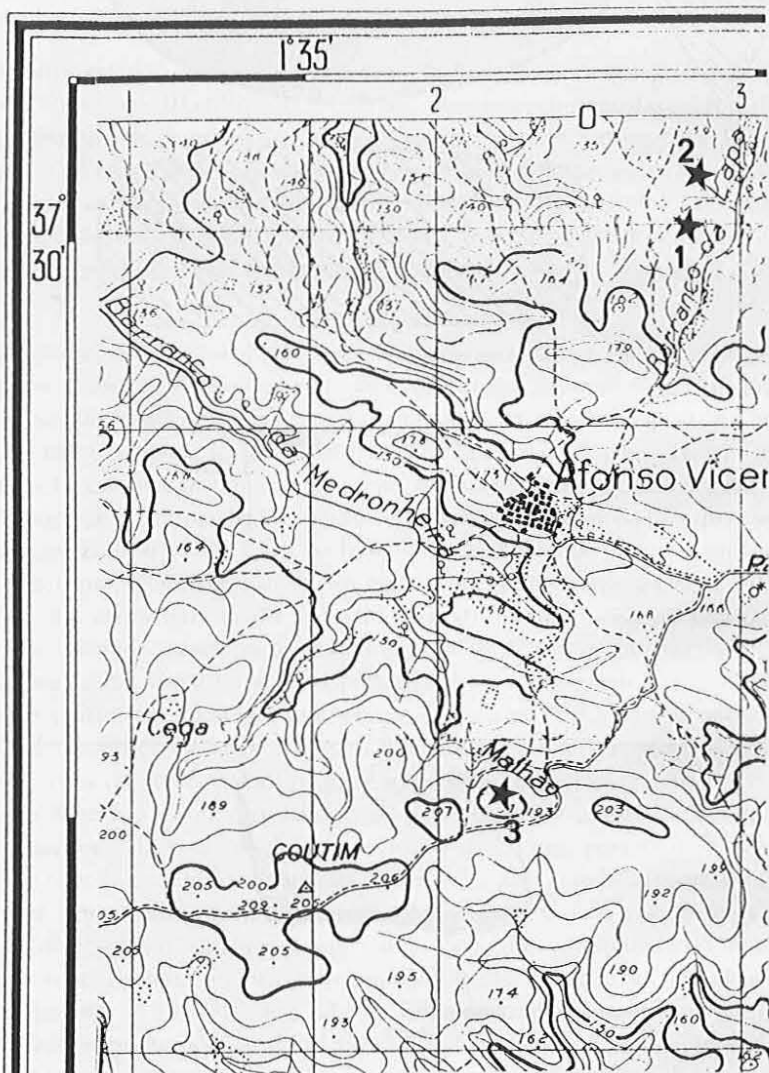
* Fig. 13 – Materiais arqueológicos exumados em Lavajo 1: 1 – enxó de enfiolito, intacta, recolhida nas terras de revolvimento na adjacência da área escavada; 2 – fragmento de vaso esférico, recolhido no fundo da pequena depressão identificada no sector sul da área escavada (ver Fig. 10).

tais elementos, dos quais um evidencia também uma organização longitudinal, acompanhando o comprimento do monólito (Bueno Ramírez e Balbín Behrmann, 1999, Fig. 13, n.º 2).

Serpentiformes, linhas insculturadas em zigue-zague e outras representações esquemáticas, incluindo uma elipse associada a cruciforme, como a observada no grande menir n.º 3 de Lavajo 1 e considerada como símbolo sexual feminino, podem observar-se em esteio do dólmen de Corao-Abamia, Astúrias, reproduzido por H. Obermaier (1924, Fig. 11). O autor, no citado trabalho, dedicado ao estudo do dólmen de Soto, Huelva, reproduz, deste, várias insculturas observadas em diversos esteios da galeria. Entre estas, devem destacar-se, por possuírem paralelos directos nos menires de Lavajo 1, os seguintes motivos:

- numerosas “covichas”, como as do esteio 31, do lado esquerdo do monumento;
- três circunferências dispostas em linha horizontal, no esteio 15, do lado esquerdo do monumento;
- um curioso motivo, conotável com representação sexual feminina, constituída por dois triângulos isósceles, dispostos simetricamente, com as respectivas bases paralelas, unidas ao centro por segmento vertical (Obermaier, 1924, Lám. VII, A, B, C), directamente comparável ao motivo triangular do menir n.º 3 do Lavajo 1.

Representações similares, de triângulos simples, intersectados por segmentos verticais, expressando claramente o triângulo púbico feminino são, aliás, conhecidas em contex-



★ Fig. 14 – Localização dos núcleos de Lavajo 1 (1), Lavajo 2 (2) e da anta do Malhão (3). Extracto da Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000, folha n.º 575, Lisboa, Serviços Cartográficos do Exército, 1952 (reduzida).

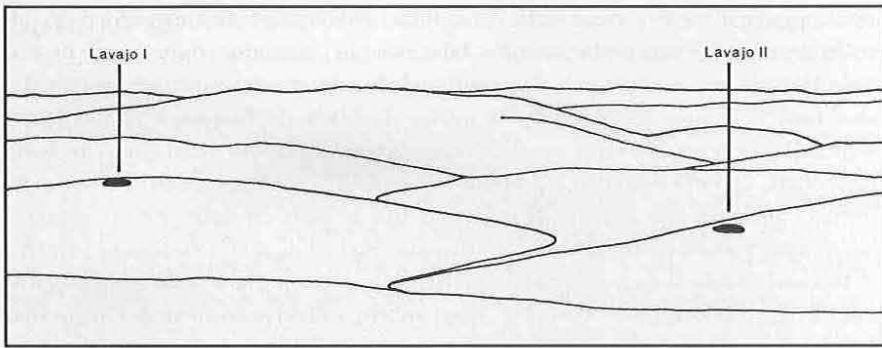


Fig. 15 – Localização dos núcleos megalíticos de Lavajo 1 e Lavajo 2, em esboço geomorfológico simplificado da região envolvente (vista de Leste-Oeste).

tos calcolíticos da Estremadura portuguesa; entre eles, avultam o ídolo cilíndrico de calcário, de Leccia (Cardoso, 1995) e várias placas de barro rectangulares, utilizadas como elementos de tear (Jalhay e Paço, 1945, Fig. 11, n.º 7; Paço e Arthur, 1952, Fig. 3, n.º 1), com diferenças menores: é que, enquanto no triângulo simples do menir em análise (Fig. 11) e nos duplos triângulos do dólmen onubense, o traço vertical correspondente à abertura vaginal intersecta a base dos triângulos, sem atingir o vértice oposto, nos exemplares calcolíticos estremenhos, o referido traço passa, ao contrário, pelo referido vértice, sem atingir a base. É evidente que a semelhança entre ambos os grupos é maior que as respectivas diferenças, conferindo às figuras presentes nos megálitos referidos (dólmen de Soto e menir n.º 1 de Lavajo 1), um significado sexual feminino difícil de negar.

A província de Huelva, área geográfica importante no âmbito da presente discussão, visto tratar-se de região imediatamente adjacente à de Alcoutim, forneceu, igualmente, um conjunto de insculpturas rupestres a céu aberto: trata-se do sítio de Los Aulagares, Zalamea la Real, Huelva (Amo, 1971). Identificaram-se três conjuntos de afloramentos gravados, onde são exclusivos os motivos geométricos representados, quase exclusivamente por circunferências e suas variantes, constituídas por diferentes soluções decorativas do seu interior, normalmente radiado ou compartimentado. Neste contexto estritamente geométrico, têm pertinência os comentários anteriormente apresentados relativamente à fase tardia da arte do Tejo, igualmente representada por figuras congêneres, conquanto as onubenses denotem uma maior especificidade local e características decorativas próprias (que as aproximam de algumas estações da arte rupestre galaico-portuguesa, já da Idade do Bronze, como é o caso do Outeiro dos Riscos, Vale de Cambra). Foram designadas por M. del Amo por “círculos com raios e pontos”, situando-as em momento que corresponderia às derradeiras construções dolménicas da região – como o supracitado dólmen de Soto – e as primeiras sepulturas cistóides do Bronze Antigo, dos inícios da primeira metade do II milénio a.C.: na própria região de Alcoutim, o signatário dirigiu a escavação de uma destas grandes cistas, com espólio calcolítico, em Cerro do Malhão, Martinlongo. No grande menir de Lavajo 1, apenas uma insculptura se aproxima das circunferências radiadas características do conjunto rupestre de Los Aulagares: trata-se da associação do já mencionado triângulo isósceles invertido a uma circunferência cujo centro coincide com o vértice do triângulo (Figs. 9 a 11). Parece claro que a arte esquemática rupestre da Idade do Bronze do ocidente peninsular, corresponde a um *continuum*, com origens imediatas na própria arte esquemática megalítica, origem que, entre outros, já E. Mac White tinha assinalado (Mac White, 1951, p. 37). De tal constatação decorre que a periodização apertada, feita como que em compartimentos não comunicantes, em que a evolução se processaria “por saltos”, segundo o modelo proposto por E. Anati, seguido de perto por diversos autores, não pode ser mais aceite: é nesse sentido que as pertinentes críticas de A. M. Baptista e do próprio M. del Amo apontam. Com efeito, a evolução artística patente na arte esquemática, além do marcado regionalismo que a caracteriza, foi, de facto, fenómeno complexo, que não se compadece com a mera classificação “por catálogo” dos motivos elementares, que não devem interpretar-se como entidades isoladas, separando-os artificialmente do todo de que fizeram (e fazem) parte integrante. Já M. Almagro, admitiu que a arte das estelas “extremeñas” da Idade do Bronze, se

deveria procurar na arte esquemática megalítica (Almagro, 1966): e, com efeito, no estado actual dos nossos conhecimentos, tal convicção parece mais forte do que nunca, sendo ilustrada, por exemplo, pela clara continuidade entre as estelas-menires diademadas calcólicas e as suas congéneres, dos inícios da Idade do Bronze, a ponto de ser problemática a separação entre umas e outras. No quadro da discussão que vem sendo apresentada, importa sublinhar, a propósito da evidente continuidade artística aludida, a estreita analogia, não certamente ocasional, que se pode estabelecer entre algumas composições galaico-portuguesas e o motivo que, no grande menir do Lavajo 1 (menir n.º 1), condicionou todo o discurso decorativo nele patente: trata-se do sulco longitudinal rectilíneo, pontuado de “covichas”, que também se observa no menir de Guadyerbas (Toledo), o qual tem o seu paralelo mais próximo, já da Idade do Bronze, na estação rupestre galaico-portuguesa da “Laxe do Xubiño”, em Combarro (Sobrino Buhigas, 1935, Fig. 148): ali, observam-se linhas ramificadas, materializadas em sulcos a partir de um ponto comum, pontuadas interiormente por uma sucessão de múltiplas “covichas”. A este exemplo, outros se poderiam juntar, ainda mais longínquos, como o menir irlandês de Seskilgreen, Tyrone (Coffey, 1977, Fig. 85), no qual o espaço decorado se encontra nitidamente separado obliquamente, por uma sucessão de “covichas” cuidadosamente alinhadas.

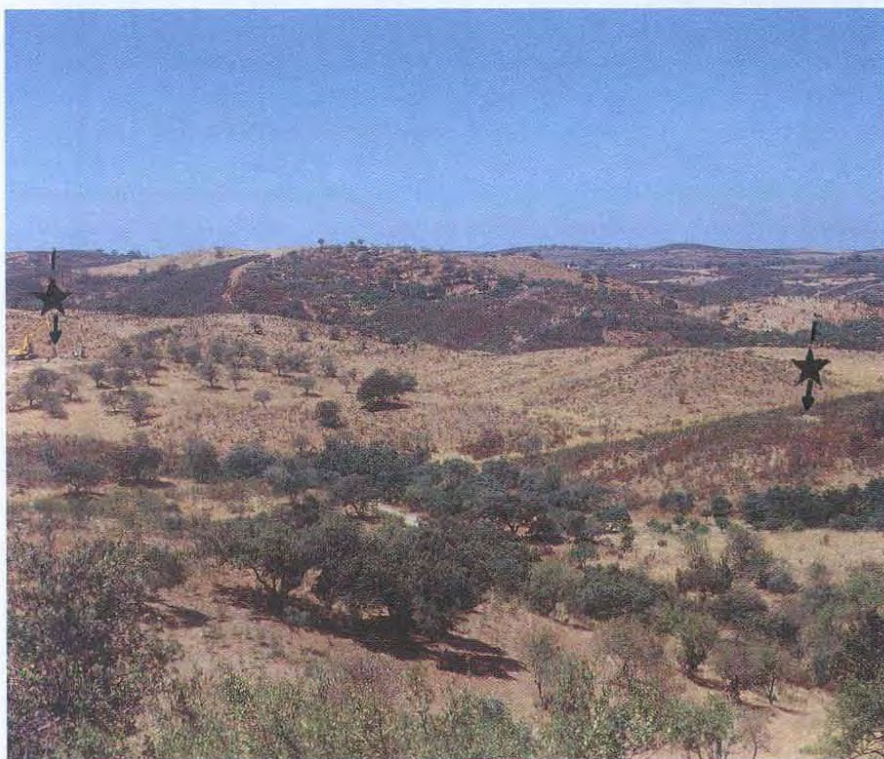


Fig. 16 – Localização dos núcleos megalíticos de Lavajo 1 e Lavajo 2 na paisagem envolvente (vista de Leste-Oeste).

Lavajo 2

O núcleo megalítico de Lavajo 2, situa-se no cerro fronteiro ao de Lavajo 1, apenas a 250 m a NNE, dele se encontrando separado pelo pequeno vale do Lavajo (Fig. 14 a 16), sendo ambos intervisíveis na actualidade (o que não significa que tivesse sido sempre assim, dada a provável existência na época de cobertura arbórea mais importante). A região é caracterizada por múltiplos cerros ondulados e regulares, característicos do modelado dos terrenos xisto-grauváquicos carboníferos da serra algarvia, expressivamente designados por Orlando Ribeiro por “mar de xisto”.

Obtida, nesse mesmo ano, a autorização para ali se proceder a trabalhos arqueológicos, foi então verificada a existência, por terra, de três grandes monólitos de grauvaque, removidos da sua posição primitiva e uma depressão alongada no terreno, coberta de vegetação, seguramente resultante do arranque mecânico dos referidos monólitos (Fig. 17). No fundo da referida depressão, jazia, em posição quase vertical, uma bela placa de grauvaque moldurada, cuidadosamente polida (Figs. 18, 19 e 20, em baixo). Assim sendo, o sítio foi considerado provisoriamente como correspondendo a monumento megalítico funerário, muito destruído.



Fig. 17 – Vista do conjunto megalítico de Lavajo 2 antes do início dos trabalhos arqueológicos, com três estelas-menires tombadas no terreno e a depressão provocada pelo arrancamento daquelas. Em último plano, na linha do horizonte, observa-se o grande menir do Lavajo 1, assinalado por asterisco.

O mau tempo que caracterizou quase todo o Outono de 2000 e o Inverno de 2001, não permitiu a realização da escavação, a qual apenas se veio a concretizar em Junho de 2001. Os trabalhos tiveram dois objectivos: o primeiro, consistiu no levantamento cuidadoso da superfície dos monólitos, com o intuito de neles se identificarem insculpturas rupestres, à semelhança do realizado para o conjunto precedente. Após limpeza, foram todos desenhados (Figs. 21 e 22), evidenciando-se, apenas, importante trabalho de afeiçãoamento e de regularização das superfícies, por picotagem, particularmente num deles (Figs. 22 e 23). Todos mostram, invariavelmente, uma das extremidades com fracturas mais ou menos recentes, correspondente à que se encontrava exposta aos agentes meteóricos e às diversas acções antrópicas, com destaque para a lavoura. Deste modo, as extremidades conservadas intactas correspondem sem dúvida às primitivamente enterradas. Em dois casos, aquelas exibem evidente afeiçãoamento, apresentando-se convexas ou muito convexas (Fig. 21, n.º 1; Figs. 23 e 24).



Fig. 18 – Lavajo 2: pormenor da depressão provocada no terreno pelo arrancamento das estelas-menires, sendo visível ao centro a placa de grauvaque intacta, no momento da descoberta, em posição vertical.

Depois de limpo o terreno, iniciou-se à escavação em área, a qual pôs a descoberto, não o que se julgava ser a câmara de um dólmen, mas sim uma depressão alongada, repleta de blocos de grauvaque de forma aparentemente desordenada. A prossecução da escavação veio evidenciar o modo de construção deste dispositivo, iniciado pela abertura de rasgo no substrato geológico, constituído, tal como no *locus* anterior, por xistos finamente folheados do Carbónico. Com o comprimento aproximado de 4m e a largura média de 0,60 m, não foi possível atingir a parte mais funda da depressão, visto encontrar-se preenchida por blocos de grauvaque de tamanho e formato diversos, os quais, nalguns casos, assumiam aspecto tabular, conservando ainda as posições originais entre si (Fig. 24). Em particular, merece destaque um sector na parte média da área escavada, onde os blocos de grauvaque, de formato tabular, se apresentam paralelos, separados por espaço intermédio onde se fixava a base de uma das estelas-menir, servindo assim de calços ou cunhas ali colocadas para a sua melhor fixação ao terreno (Fig. 25).

Tornava-se, deste modo, claro, que tal rasgo, pelas suas dimensões e características, não correspondia à câmara de um monumento megalítico, mas sim ao alvéolo de fundação das três estelas-menir encontradas já fora das suas posições primitivas. A confirmar esta conclusão, é de destacar a existência de um fragmento de estela-menir ainda *in loco*, na extremidade oriental da escavação (Fig. 26).

Tendo em conta a geometria do referido rasgo, conclui-se que as quatro estelas-menir teriam constituído originalmente um alinhamento contínuo, unidas topo a topo, com orientação geral Este-Oeste, formando deste modo uma espécie de painel lítico. No decurso da escavação ocorreram diversos artefactos ritualmente depositos na fundação das estelas-menir, os quais se enumeram de seguida:

1 – placa sub-quadrangular de grauvaque fino, cinzento-esverdeado, decorada apenas por um sulco, inciso, ao longo dos lados de uma das faces, passando pelo furo de suspensão, bicónico, existente no centro de uma das faces menores (Figs. 19 e 20, em baixo). Apresenta-se cuidadosamente polida, mas sem indícios de qualquer representação na face esquadriada. É possível, no entanto, que aquela exibisse pintura a vermelho, atendendo a eventuais vestígios da sua existência. Esta peça, de extrema raridade, foi recolhida antes da realização da escavação, jazendo de cutelo, no interior do alvéolo de fixação. A reconstituição da posição da peça na área que veio ulteriormente a ser escavada, indica que ocuparia aproximadamente posição central (ver Fig. 24).

2 – grande sacho, de secção subcircular, de grauvaque de grão grosseiro, esverdeado, com a superfície sumariamente afeiçãoada por picotagem. Possui marcas evidentes de percussão numa das extremidades, compatíveis com utilização como sacho, hipótese reforçada pela concavidade de uma das faces, de formato adequado à fixação do respectivo cabo. A extremidade oposta apresenta-se com fractura fresca. Foi recolhido à superfície, do lado oriental da escavação (Fig. 27, n.º 5).

3 – grande formão de gume dissimétrico, afeiçãoado num seixo alongado de rio, de grauvaque esverdeado. Toda a superfície do objecto foi polida e o gume apresenta-se intacto (Fig. 27, n.º 4). Foi recolhido com o gume apontado para baixo, em posição oblíqua, no lado oriental da escavação, tal qual a placa de grauvaque anteriormente referida (Fig. 28).

4 – fragmento de machado de secção elipsoidal, de fibrolite, totalmente polido na parte conservada, correspondente a cerca de um quarto do volume original, incluindo parte do gume, que se apresenta intacto (Fig. 27, n.º 2). Foi recolhido na parte ocidental da escavação.

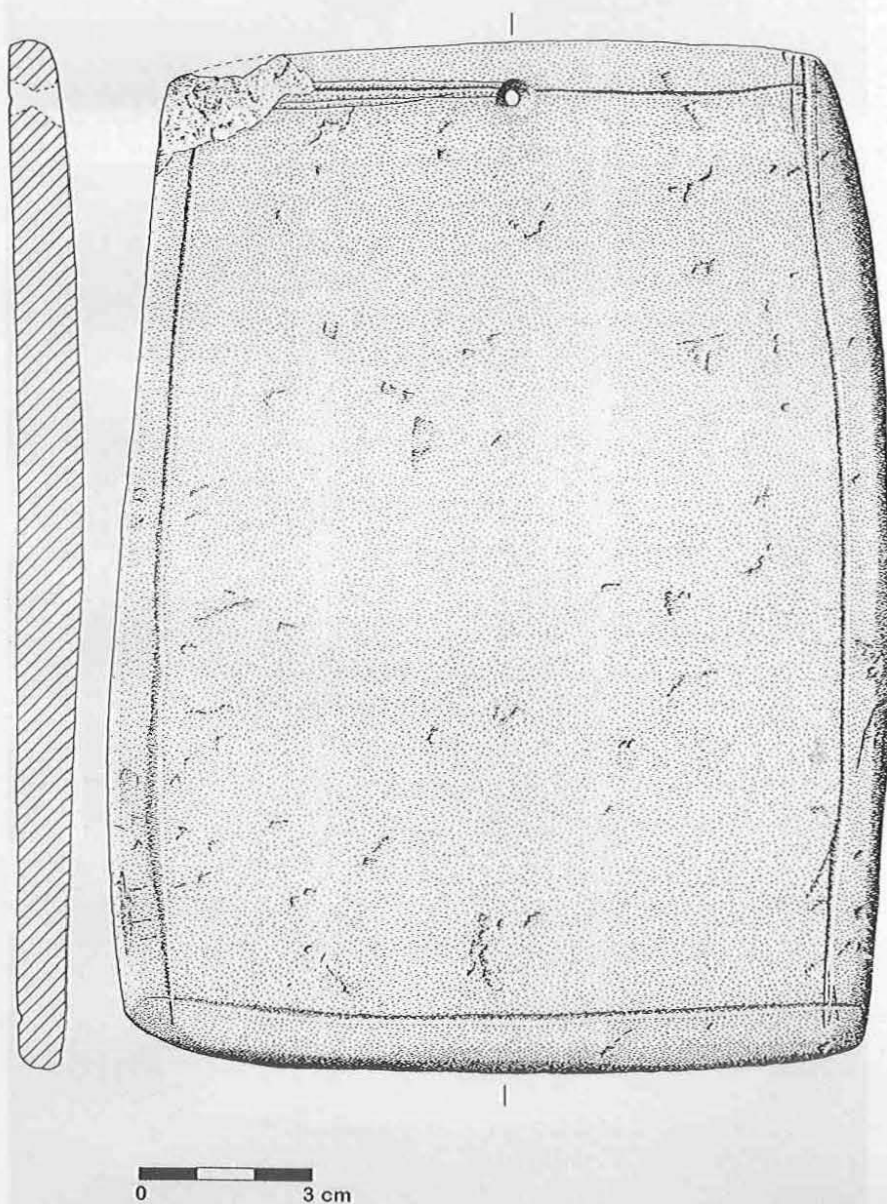


Fig. 19 – Lavajo 2: grande placa lisa de grauvaque, finamente polida, com uma das faces moldurada por sulco periférico, possuindo furo de suspensão bitroncocónico, recolhida no interior do alvéolo de fixação do conjunto megalítico de Lavajo 2, em posição vertical, antes do início das escavações. Note-se a posição concordante com a parede vertical da escavação, à qual se encontrava encostada.



Fig. 20 – Materiais recolhidos no interior do alvéolo de fixação do conjunto megalítico de Lavajo 2: em cima, ponta de seta de sílex zonado, cinzento esbranquiçado, finamente retocada em ambas as faces (ver Fig. 27, nº. 8) e micrólito sub-triangular de sílex castanho-avermelhado, finamente retocado; em baixo, placa lisa de grauvaque finamente polida (ver Fig. 19).

5 – ponta de seta de base côncava, intacta, de sílex zonado, cinzento e esbranquiçado (Fig. 27, n.º 8). Provém do lado oriental da escavação.

6 – micrólito de sílex castanho de superfície brilhante, sugerindo tratamento térmico, de contorno sub-triangular, com um dos lados finamente trabalhado por retoques abruptos e o lado oposto por retoques marginais descontínuos, formando uma ponta perfurante. A base, convexa e oblíqua, mostra regularização a partir de ambas as faces (Fig. 27, n.º 7). Poderia ser utilizada individualmente, como ponta de seta, ou em artefacto composto. Provém do lado oriental da escavação.

7 – lasca de quartzo branco semi-translúcido podendo corresponder à extremidade de uma raspadeira espessa. Tal hipótese é sugerida pela existência de escassos levantamentos abruptos, a partir do gume, muito convexo (Fig. 27, n.º 6). Provém das terras do exterior da área escavada.

8 – lasca de talhe de sílex esbranquiçado, desprovida de trabalho (Fig. 27, n.º 9). Provém das terras do exterior da área escavada.

9 – Lasca de sílex castanho-amarelado, com retoque contínuo num dos bordos, dando origem a gume levemente denticulado. Raspador simples convexo denticulado (Fig. 27, n.º 1). Provém da zona exterior da escavação, tendo sido recolhida junto do seu extremo Oeste.

10 – recolheram-se apenas três fragmentos cerâmicos e, destes, somente um fragmento de bordo. Trata-se de porção de taça de bordo “almendrado”, de pasta grosseira, com abundantes e. n. p. de quartzo, feldspatos e ferromagnesianos (Fig. 27, n.º 3). Provém do lado ocidental da escavação e mostra as superfícies muito erodidas, o que é compatível com a fraca profundidade que aquela atingiu desse lado.

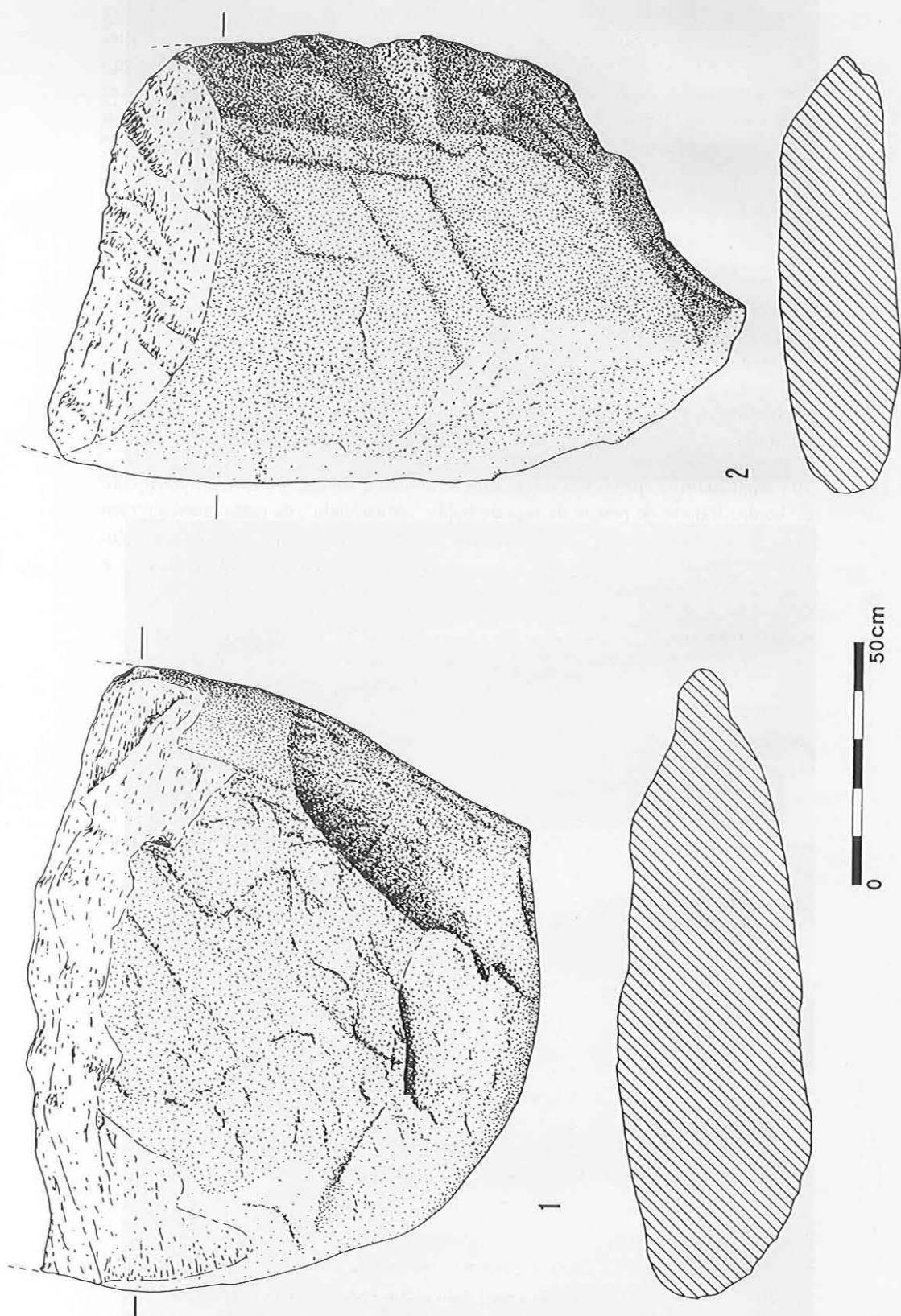


Fig. 21 – Estelas-menires nº. 2 e 3 de Lavajo 2, de grauvaque, com as extremidades superiores truncadas e mutiladas pelos trabalhos agrícolas. As superfícies de ambas mostram-se parcialmente regularizadas por picotagem.

Análise comparativa do espólio exumado

No conjunto, o espólio recolhido na escavação do alvéolo de sustentação das estelas-menir de Lavajo 2 pode subdividir-se em dois grandes grupos: o primeiro, corresponde às peças que não se podem relacionar com o ritual da fundação da estrutura: trata-se do sacho (Fig. 27, n.º 5) e do bordo de taça “almendrado” (Fig. 27, n.º 3), para além de diversas lascas mais ou menos trabalhadas em diversos artefactos (Fig. 27, n.º 1, 6 e 9). O sacho, feito de grauvaque, rocha disponível no local, evoca modelo arcaico; mas trata-se de objecto grosseiro, destinado ao trabalhos dos solos esqueléticos e pedregosos da região, pelo que a sua tipologia poderá, simplesmente, expressar uma adequada adaptação às funções pretendidas. As lascas não possuem, igualmente, recorte tipológico suficiente para se poder optar por qualquer época em particular. Já o mesmo não sucede com o fragmento cerâmico, que indica época calcolítica. Porém, o facto de se tratar de exemplar muito erodido, e a posição sub-superficial a que foi recolhido, incompatível com a profundidade a que jaziam os artefactos ritualmente depositados no alvéolo de fundação das estelas menir faz aceitável admitir que se trata de uma peça mais moderna. De entre as peças recolhidas seguramente no alvéolo de fundação dos monólitos, avultam algumas que importa referir em particular. Assim, o micrólito finamente retocado, executado sobre lâmina (Fig. 27, n.º 7) é uma peça que poderá remontar ao Neolítico Final, tal como o fragmento de machado de fibrolite (Fig. 27, n.º 2) e o grande formão totalmente polido (Fig. 27, n.º 4); o mesmo é válido para a ponta de seta de base côncava finamente retocada, cuja tipologia se prolonga pela época calcolítica (Fig. 27, n.º 8).

A bela placa de grauvaque (Figs. 19 e 20, em baixo) possui estreitos paralelos com exemplar de arenito incompleto da Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo, atribuível igualmente ao Neolítico Final, conquanto seja maior a espessura e a profundidade do sulco marginal (Leisner e Leisner, 1959, Tf. 27, n.º 76). Outro paralelo que importa referir é constituído por duas placas, igualmente de arenito, recolhidas na necrópole do Neolítico Final da gruta do Escoural, Montemor-o-Novo (Santos, 1971, Est. 1). Numa, o contorno apresenta-se elipsoidal e o sulco que possui apenas acompanha parte do perímetro de peça, a qual é munida de um furo de suspensão. A outra placa difere da anterior pelo sulco periférico se encontrar substituído por cordão em alto-relevo. Enfim, na gruta natural do Correio Mor, Loures, recolheu-se fragmento de uma placa em tudo idêntica às anteriores, e, como estas, reportável também ao Neolítico Final, em curso de publicação por um de nós (J. L. C.).

O objectivo que parece transparecer nestas placas lisas foi a criação de um espaço interior, plano e regular, que poderia ter recebido pintura: neste sentido, deve ser referida a grande placa sub-rectangular, de bordos bombeados e totalmente regularizada, com vestígios de pintura a ocre vermelho do enterramento da Mamoa 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Sanches, 1996, Fig. 18), pese embora as suas maiores dimensões e a ausência de furo para suspensão. Outra placa, recolhida por José Coelho na anta do Vale de Fachas (Viseu), possui dois furos de suspensão e pinturas a ocre vermelho, na sua parte inferior (Coelho, 1912, Fig. II), conquanto incompleta. Trata-se de monumento dolménico de longo corredor e câmara poligonal, inserível igualmente no Neolítico Final.

É ainda de referir como exemplar comparável, um fragmento de placa de xisto, de fina espessura, com um sulco gravado esquadriado, em ambas as faces. Provém de uma sepultura de Castro Marim, recentemente reestudada e considerada como de câmara circular desprovida de corredor, com paralelos neolíticos andaluzes. Com efeito, a datação de uma tibia humana do único indivíduo nela tumulado, deu os seguintes intervalos, para dois *sigma*: 3370-3030; 2970-2930 cal BC (Gomes, Cardoso e Cunha, 1994, Fig. 3, C), cronologia compatível com o Neolítico Final regional. Das comparações efectuadas, verifica-se que todos os exemplares citados pertencem ao Neolítico Final; a estes, poder-se-ão, ainda, juntar exemplares de arenito, referidos por Victor

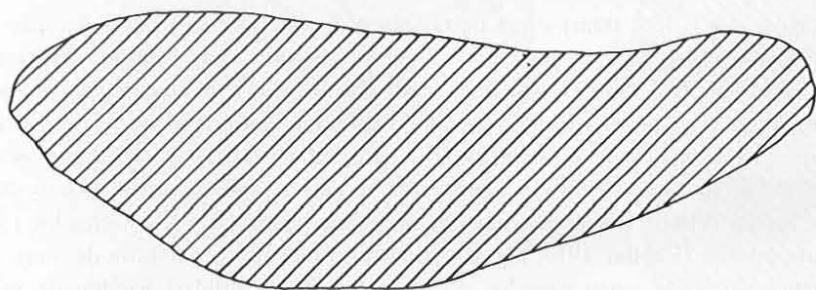
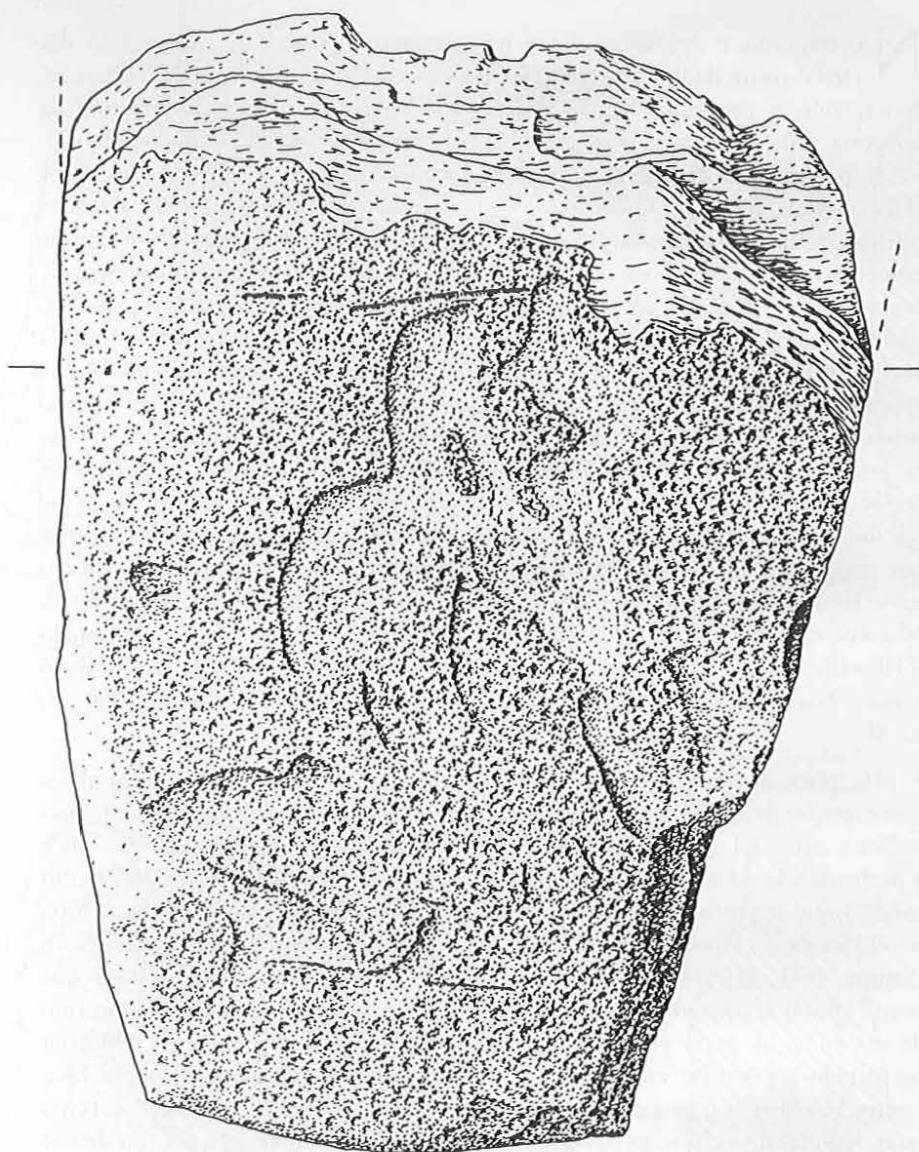


Fig. 22 – Estela-menir nº. 1 de Lavajo 2, de grauvaque, com a superfície totalmente regularizada por picotagem. Os sulcos indicados na parte superior são modernos e resultaram do arranque mecânico recente do monólito.

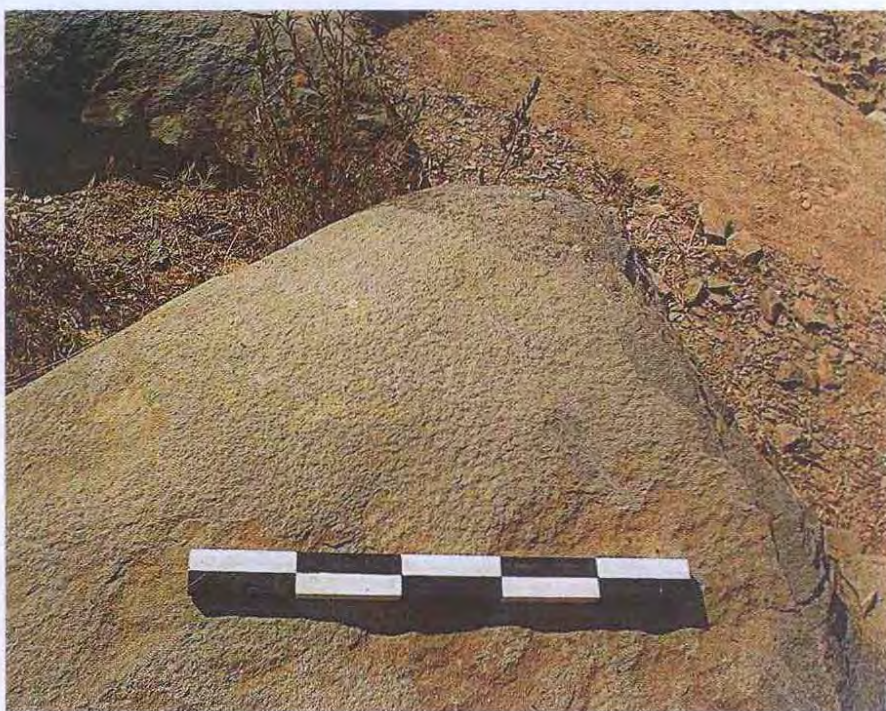


Fig. 23 – Em cima: pormenor do afeiçoamento por picotagem da superfície de estela-menir nº. 1 de Lavajo 2; em baixo, vista geral de uma das faces do mesmo monólito, evidenciando-se o afeiçoamento da superfície e da extremidade inferior, intacta (ver Fig. 22).

S. Gonçalves das grutas de Alcobaça como possuindo igualmente um sulco periférico. Com efeito, o autor refere a falta de decoração que caracteriza tais peças, chamando, significativamente, a atenção, para os raros casos em que se observavam esquadrias ou traços de delimitação do perímetro, exactamente como na placa em discussão (Gonçalves, 1978). Nas colecções portuguesas conhecem-se de há muito placas lisas de arenito, sem sulco periférico, nalguns casos possuindo furos de suspensão: um dos casos mais notáveis é o da placa recolhida nas grutas do Poço Velho, Cascais (Paço, 1941, Est. VI), com um furo de suspensão bicónico numa das extremidades. Tais placas, frequentes em diversas necrópoles em gruta natural do Neolítico Final da Estremadura, como a Lapa do Bugio, Sesimbra (Cardoso, 1992), a Lapa da Galinha (J. R. Carreira, comunicação pessoal) e também em diversas antas alentejanas, designadamente de Montemor-o-Novo (escavações inéditas de Manuel Heleno), nalguns casos poderiam ter funções práticas, como polidores; com efeito, mostram por vezes as faces maiores e os lados bombeados, sugerindo tal utilização. Noutros casos, é evidente a sua finalidade ritual ou simbólica, com representações antropomórficas mais ou menos explícitas, presentes em diversas estações estremenhas e alentejanas (por o tema se afastar da essência da presente discussão, apenas se apresentam algumas referências sem carácter exaustivo):

- gruta do Furadouro da Rocha Forte, Cadaval que forneceu uma placa onde tais elementos se encontram explicitados por um par de furações troco-cónicas sugerindo os olhos (Gonçalves, 1990/92, Fig. 93, n.º 20);
- *tumulus* do monumento da Praia das Maças, cujo exemplar mostra um par de olhos ou mamilos em baixo relevo (Gonçalves, 1982/1983, Fig. 19, n.º 6), semelhante a outro, das grutas de Alcobaça (Gonçalves, 1978, Est. XXIII).

Outra peça a salientar do espólio recolhido em Lavajo 2 é o fragmento de machado de fibrolite (Fig. 27, n.º 2). Trata-se de rocha monomineralica, constituída sobretudo por silimanite fibrosa, de alto grau de metamorfismo, cuja ocorrência, ao menos em massas susceptíveis de proporcionar a confecção de machados como o encontrado, é desconhecida em território português. Um estudo, já antigo, de O. da Veiga Ferreira, revelou uma distribuição por todo o Alto e Baixo Alentejo, o Algarve (especialmente o sotavento), com uma concentração na Estremadura e outra na Beira Baixa; mais raramente, ocorrem exemplares na Beira Alta, Beira Litoral e Minho (Ferreira, 1953). Trata-se, pois, de um bom indicador da circulação transregional, desde pelo menos o Neolítico Final, de matéria-prima que, pelas suas características peculiares (textura, coloração) era propícia a artefactos polidos de finalidades essencialmente rituais, já que raramente ocorrem com vestígios de utilização, sendo, ao contrário, frequentes as peças-miniatura, mesmo em contextos habitacionais, cujo significado não utilitário é evidente.

Também a enxó de anfibolito (Fig. 13, n.º 1) recolhida no núcleo megalítico de Lavajo 1 possui inquestionável origem exógena à região. Trata-se de rocha cuja origem mais provável, tendo em conta a distância, se pode situar no Baixo Alentejo. Com efeito, na Zona de Ossa/Morena, conhecem-se afloramentos susceptíveis de fornecerem tal tipo petrográfico, bem representado na faixa vulcano-sedimentar de idade carbónica de Castro Verde-Grândola.

Por último, as peças de sílex encontradas, que poderiam integrar, tendo presentes as suas características, qualquer contexto do Neolítico Final da Estremadura ou do Sul de Portugal, possuem também origem exógena. Assim, o sílex ocorre no concelho de Vila do Bispo, sob a forma de nódulos nos calcários jurássicos. Trata-se de matéria-prima de coloração frequentemente acastanhada ou rosada, ocorrendo também o sílex esbranquiçado. As peças recolhidas em Lavajo 2 poderiam, pois, ter aquela proveniência, ou outra, mas sempre relacionada com a faixa de calcários jurássicos que percorre longitudinalmente todo o Algarve, correspondendo ao "barrocal. Com efeito, na região de Tavira, mais próxima de Alcoutim, foram reconhecidos diversos níveis de calcários jurássicos com nódulos de sílex, cujas características não, são, contudo, descritas (Manupella *et al.*, 1987). É de admitir ainda, eventualmente, como origem para os artefactos de sílex, a actual Andaluzia: mas a falta de qualquer estudo petrográfico de pormenor impede o aprofundamento desta discussão.

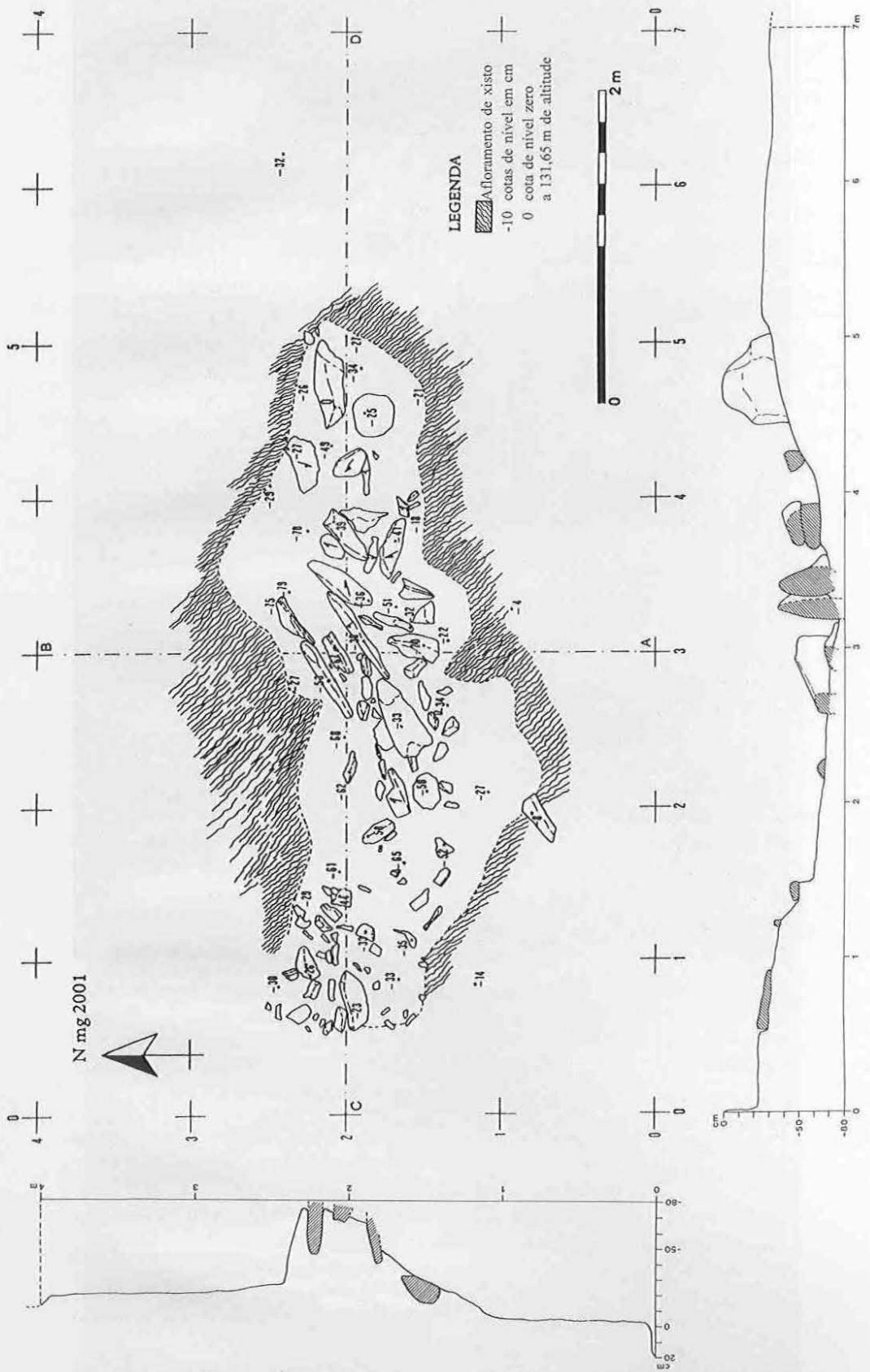


Fig. 24 – Planta do alvéolo de fixação das estelas-menires de Lavajo 2 e respectivos perfis transversal e longitudinal.



Fig. 25 – Pormenor do sector central do alvéolo de fixação das estelas-menires de Lavajo 2, observando-se duas cunhas de grauaque dispostas paralelamente, para melhor ajustamento da base do correspondente monólito. Do lado direito, evidencia-se o rasgo aberto no substrato geológico, constituído por xistos do Carbonífero marinho.

Em suma, a(s) comunidade(s) que erigiram os dois núcleos megalíticos do Lavajo, no Neolítico Final, ou nos primórdios do Calcolítico, mantinham uma vasta rede de intercâmbios, tanto coma faixa litoral, como com o interior alentejano, assegurando o abastecimento de matérias-primas diversas e complementares, certamente já manufacturadas, essenciais ao seu próprio quotidiano.

Trabalhos de protecção e de valorização

Lavaço 1

Como atrás se referiu, é o conjunto de Lavaço 1 que encerra maior interesse patrimonial; deste modo, as acções de valorização deste espaço arqueológico – que se inserem numa envolvente agora não abordada, incluindo a execução de um parque de estacionamento automóvel, de um caminho pedonal, e a implantação no terreno de um painel de localização e explicativo – tiveram como principais objectivos os seguintes: reposição do grande menir (menir n.º 1) na sua posição correcta, aproveitando-se o alvéolo de fixação posto a descoberto nas escavações de Setembro de 1998 e ulterior modelação do terreno (Fig. 29); consolidação e restauro do menir n.º 3, fragmentado em três porções de grandes dimensões, e ulterior fixação no terreno. O primeiro destes objectivos foi concretizado sob direcção do primeiro dos signatários em Julho de 2003, encontrando-se o segundo em vias de execução. Assim, o reposicionamento do menir implicou a modelação do terreno envolvente: dado que o alvéolo de fundação se encontrava profundamente escavado no substrato geológico, duas hipóteses se afigura-



Fig. 26 – Vista geral da escavação do alvéolo de fixação das estelas-menires de Lavaço 2. Em primeiro plano, o único fragmento de estela ainda in situ.

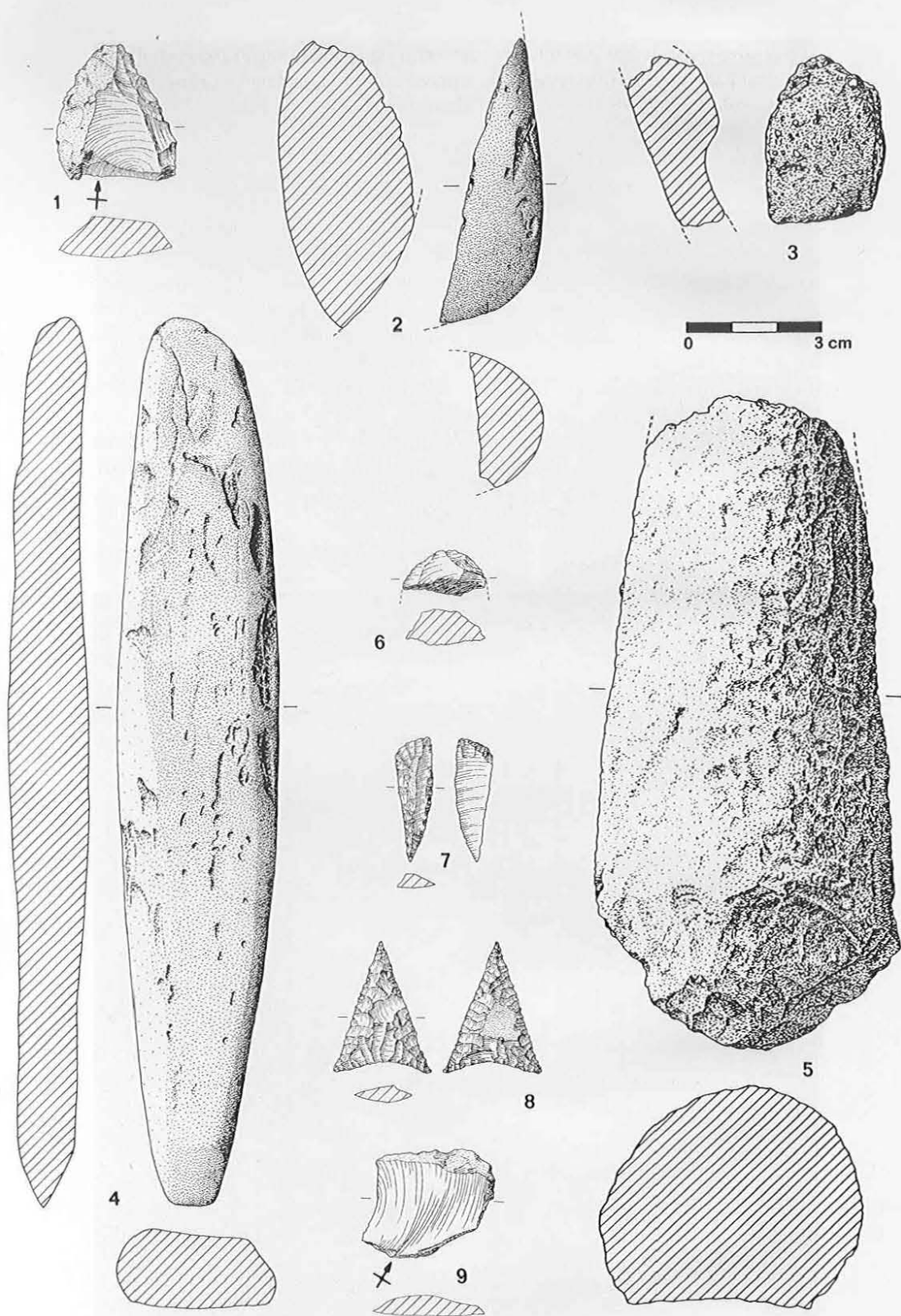


Fig. 27 – Materiais arqueológicos recolhidos em Lajão 2. Com asterisco indicam-se aqueles que provêm do alvéolo de fixação do conjunto megalítico, relacionando-se directamente com o ritual de fundação do monumento:

n.º 1 – raspador simples denticulado sobre lasca de sílex; n.º 2* – fragmento de machado de secção elipsoidal, de gume intacto, totalmente polido, de fibrolite; n.º 3 – fragmento de taça de bordo almendrado; n.º 4* – grande formão, finamente polido, afeiçãoado em seixo rolado alongado de grauvaque esverdeado de grão fino; n.º 5 – grande sacho de secção sub-circular, de grauvaque, afeiçãoado por picotagem e com intensas marcas de utilização; n.º 6 – fragmento de lasca de quartzo leitoso, com indícios de utilização como raspadeira na extremidade convexa; n.º 7* – micrólito sub-triangular, de sílex castanho-avermelhado, finamente retocado; n.º 8* – ponta de seta de base côncava, de sílex zonado cinzento esbranquiçado, finamente retocada em ambas as faces; n.º 9 – lasca de talhe, de sílex esbranquiçado.

ram possíveis: ou o terreno em torno do menir era originalmente plano, o que implicava que uma parte significativa deste se encontrasse enterrada, incluindo alguns motivos insculturados mais importantes; ou, em alternativa, existiria uma depressão a toda a volta e na adjacência do monólito, dando-lhe desta forma um destaque acrescido no terreno; foi esta última alternativa que se adoptou, na modelação do terreno executada, pelas razões expostas (Fig. 30).

Lavaço 2

Após os trabalhos arqueológicos decorridos em 2001, procedeu-se à cobertura dos vestígios detectados, como forma de os proteger, visto ter sido este o compromisso assumido com o proprietário do terreno, por um lado e, por outro, não se justificar de momento a musealização do local. As estruturas descobertas na escavação, encontravam-se incluídas numa depressão do terreno correspondente ao alvéolo de fixação de quatro estelas menires, das quais três já removidas da sua posição original). Tal depressão constituía, ainda, zona de conservação das águas pluviais, com empoçamentos prolongados, dada a natureza impermeável do substrato geológico, que não eram benéficos para a conservação das estruturas.

A protecção da área escavada iniciou-se com a colocação de geotêxtil em toda a sua extensão, seguida do preenchimento com fina camada de gravilha, permitindo a drenagem lateral das águas da precipitação e, por último, com enchimento com terras da própria escavação, conferindo um aspecto natural à superfície do terreno.



Fig. 28 – Pormenor da escavação do alvéolo de fixação das estelas-menires de Lavaço 2, observando-se, ao centro, o grande formão, em posição vertical, na altura da descoberta, com o gume para baixo. Posição idêntica era da placa de gravavaque, igualmente com a extremidade distal para baixo (Fig. 18).



Fig. 29 – Em cima: o grande menir de Lavajo 1 (menir nº. 1) no decurso da sua recolocação no terreno (Julho de 2003); em baixo: pormenor do travamento da extremidade inferior do menir no alvéolo de fixação primitivo (Julho de 2003).

Conclusões

Os dois núcleos megalíticos escavados, conquanto de características diferentes, relacionavam-se, por certo, entre si. Distanciados cerca de 250 m, ocupando o topo de outeiro (Lavajo 1) ou a parte média da crista de elevação fronteira (Lavajo 2), encontravam-se em posição visual de destaque, apresentando-se intervisíveis (ao menos na actualidade). O primeiro núcleo (Lavajo 1), é constituído actualmente por três menires ou estelas-menir (dois completos ou quase, um apenas representado por uma grande porção da sua parte frontal), todos eles decorados. Avulta a decoração do maior, com diversos paralelos em monumentos homólogos de Neolítico Final do sul do território português. Dado o estado de remobilização sofrido pelas três peças, foi apenas possível, no decurso da escavação, conhecer a posição primitiva de apenas uma delas, impedindo a reconstituição das relações relativas que entre si evidenciavam no terreno. Já o mesmo não sucede com o segundo núcleo explorado (Lavajo 2). Aqui, embora três dos quatro monólitos – todos com formato estelar e desprovidos de decoração, já estivessem deslocados das suas posições primitivas, à data da escavação, esta permitiu reconstituir, tendo em conta a morfologia do alvéolo de fixação respectivo, a sua posição original no terreno. Verificou-se, deste modo, que definiam um alinhamento contínuo, com os lados menores colocados topo a topo, formando uma espécie de “painel” orientado na direcção de Este-Oeste.

As referências a alinhamentos simples de menires no território português são extremamente escassas e imprecisas. Embora se conheçam na bibliografia alusões a dois possíveis conjuntos, do barlavento algarvio, em Padrão, Vila do Bispo (Gomes, 1997, p. 147, 148), apenas se encontram documentadas, com alguma segurança, duas ocorrências, uma vez que o alinhamento de Tera, Montemor-o-Novo, em curso de exploração por Leonor Rocha, se inscreverá já na Idade do Ferro. Uma delas é o monumento de Cerro das Pedras, Loulé, escavado por Estácio da Veiga. O conjunto é constituído por, pelo menos, três monólitos, alguns de aspecto estelar (Veiga, 1886, Est. XI), junto dos quais aquele arqueólogo recolheu um fragmento de placa de xisto, uma conta discóide, também de xisto, e um trapézio, de sílex, espólio que, pela natureza, é comparável ao recolhido no conjunto de Lavajo 2 integrando-se, de igual modo, no Neolítico Final. De referir que um desses menires, foi identificado por M. V. Gomes com o exemplar hoje guardado no Museu de Loulé, de aspecto sub-piramidal, com uma das faces repleta de “covichas”, como o menir n.º 3 de Lavajo 1 (Gomes, 1997, Fig. 17, B). No centro do País, foi referenciado um outro alinhamento de pequenos monólitos, integrando o grande menir de Caparrosa, Viseu (Gomes e Monteiro, 1974/1977).

Os dois núcleos megalíticos em apreço, Lavajo 1 e 2, relacionar-se-iam certamente entre si. Porém, não é possível caracterizar a natureza das actividades rituais ali realizadas entre os finais do IV milénio a.C. e os inícios do milénio seguinte (não repugna aceitar para ambos uma cronologia dos inícios do Calcolítico), até por constituírem um conjunto (melhor, complexo megalítico) sem paralelo no território português. A possibilidade de se tratar de marcos simbólicos na paisagem, relacionados com a posse/delimitação de terrenos agrícolas particularmente produtivos face à pobreza agrícola dos solos xistosos dominantes é de reter; tais terrenos, de facto, existem localmente, no barranco da Lapa, colmatado de solos onde a horticultura é possível graças à existência de um poço no qual a água nunca seca, situado a menos de 100 m do conjunto de Lavajo 2. “Os menires marcam efectivamente territórios e a sua visibilidade e impacto simbólico é uma componente indispensável do processo da sua construção” (Gonçalves, Balbín Behrmann e Bueno Ramírez, 1997, p. 250). Porém, a extensão desta evidência – aplicada pelos autores à região megalítica de Reguengos de Monsaraz – à região do Alto Algarve oriental, depara com as dificuldades de esta última ainda estar quase por explorar em tal domínio. Com efeito, na área em apreço, apenas se encontram registados ténues vestígios de povoamento coevo: é o caso da ocorrência de escassos dormentes e moventes de mós manuais, para além de um sepulcro megalítico cerca de 1,8 km para SSW do conjunto de Lavajo 1, localizado por A. Gradim (Fig. 14). Assim sendo, resta por esclarecer cabalmente os motivos que estiveram na origem da monumentalização da paisagem, feita ainda no decurso do Neolítico Final, testemu-

nhada pela construção deste complexo megalítico. Não existem, no entanto, dúvidas quanto ao estágio de desenvolvimento económico destas populações do Neolítico Final ou dos inícios do Calcolítico. Muito embora os testemunhos de povoamento sedentário sejam, por ora, quase desconhecidos na área adjacente, a presença, por um lado, da enxó de rocha anfibolítica, oriunda do Baixo Alentejo (Zona de Ossa/Morena) a par de outras peças, de origem ainda mais longínqua, como a fibrolite e, por outro, de artefactos de sílex, oriundos do barrocal algarvio ou da Andaluzia, mostra a interacção estabelecida com regiões díspares e afastadas, tendo em vista a obtenção de recursos essenciais à actividade quotidiana destas populações. Tal evidência é mais uma prova, a par de outras (tipologia dos artefactos e características comparadas da morfologia e da decoração dos megálitos), para situar este complexo megalítico numa época já tardia do fenómeno megalítico do sul peninsular do qual constitui, doravante, uma das suas expressões mais interessantes e significativas.



Fig. 30 – O grande menir do Lavajo 1, após os trabalhos de valorização realizados em Julho de 2003.

Bibliografia

- ALMEIDA, F. de; FERREIRA, O. da V. (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). 1, p. 163- 168.
- AMO, M. del (1971) – Los grabados rupestres de “Los Aulagares” Zalamea la Real (Huelva). Barcelona: *Miscelânea Ampuritana, conmemorativa del XXV aniversario de los cursos internacionales de Prehistoria y Arqueología de Ampurias* (1947-1971), p. 69-86.
- BAPTISTA, A. M. (1981) – *A Rocha F – 155 e a origem da arte do vale do Tejo*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (Monografias Arqueológicas 1).
- BAPTISTA, A. M.; MARTINS, M. M.; SERRÃO, E. da C. (1978) – Felskunst im Tejo-Tal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 19, p. 89-111.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN-BEHRMANN, R. (1992) – L'art mégalithique dans la Péninsule Ibérique. Une vue d'ensemble. *L'Anthropologie*. Paris. 96: 2-3, p. 499-572.
- BUENO RAMÍREZ, P.; BALBÍN-BEHRMANN, R. (1994) – *Estatuas-menhir y estelas antropomorfas en megalitos ibéricos. Una hipótesis de interpretación del espacio funerario*. Museo y Centro de Investigación de Altamira. Monografias. Altamira. 17, p. 337-347.
- BUENO, P.; BALBÍN, R. de; BARROSO, R.; ALCOLEA, J. J.; VILLA, R.; MORALEDA, A. (1999) – *El dólmen de Navalcán. El poblamiento megalítico en el Guadyerbas*. Toledo: Instituto Provincial de Investigaciones y Estudios Toledanos, Diputación Provincial de Toledo.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1995) – Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 251-261.
- COELHO, J. (1912) – *A Prehistória e o seu ensino. Mamaltar do Vale de Fachas*. Famalicão: Typographia Minerva.
- COFFEY, G. (1977) – *New Grange and other incised tumuli in Ireland*. Poole: The Dolphin Press.
- CORREIA, V. (1921) – El Neolítico de Pavia (Alentejo – Portugal). Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas.
- FERREIRA, O. da V. (1953) – Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*. Porto. 37, p. 37-44.
- GOMES, M. V. (1990) – A rocha 491 de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do vale do Tejo. *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical. 1, p. 151-177.
- GOMES, M. V. (1992) – Megalitismo do Barlavento Algarvio – breve síntese. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 147-190.
- GOMES, M. V. (1994) – Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico: trabalhos recentes e estado da questão. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 2, p. 317-342.
- GOMES, M. V. (1997) – O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos efectuados em 1988. *Cadernos de Cultura*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 17-37.
- GOMES, M. V. (2000) – Cromeleque do Xarez. A ordenação do caos. *Memórias de Odiana*. Beja. 2, p. 21-190.

- GOMES, M. V.; MONTEIRO, J. P. (1974/1977) – A estela-menir decorada da Caparrosa Beira Alta. Nota de descoberta. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7-9, p. 89-93.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; JOAQUIM, A. N. (1992) – Testemunhos megalíticos de Afonso Vicente (Alcoutim). Notícia preliminar. *Al-madan*. Almada. Série II, 1, p. 92-93.
- GOMES, R. V.; GOMES, R. V.; SANTOS, M. F. (1983) – O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca. 26, p. 287-307.
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1994) – A sepultura de Castro Marim. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 80, p. 99-105.
- GONÇALVES, J. L. M. (1990/1992) – As grutas da serra de Montejunto (Cadaval). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8-10, p. 41-201.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982-1983) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*. Sintra, 1-2 (1), p. 29-57.
- GONÇALVES, J. P. (1972) – Arte rupestre de Monsaraz. *Arquivos do Centro Cultural Português (Fundação Calouste Gulbenkian)*. Paris. 5, p. 489-502.
- GONÇALVES, J. P. (1975) – Roteiro de alguns megálitos da região de Évora. *A Cidade de Évora*. Évora. 32 (58), p. 241-261.
- GONÇALVES, J. P. (1976) – Novos menires gravados no paraíso megalítico de Monsaraz. *Actas del V Congreso de Estudios Extremeños* (Badajoz, 1976), p. 43-48.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcoçaba*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.
- GONÇALVES, V. S.; BALBÍN-BEHRMANN, R.; BUENO-RAMÍREZ, P. (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. 10, p. 235-254.
- HENRIQUES, F.; CANINAS, J. C.; CHAMBINO, M. (1995) – Rochas com covinhas na região do alto Tejo português. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35: 4, p. 191-206.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.
- LEISNER, G. (1949) – LEISNER, G. (1949) – *Antas dos arredores de Évora*. Évora: Edições Nazareth.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. (Madrider Forschungen Band 1/2).
- MacWHITE, E. (1951) – *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispanica en la Edad del Bronce*. Madrid: Publicaciones del Seminario de Historia primitiva del Hombre (Dissertationes Matritenses II).
- MANUPELLA, G.; RAMALHO, M.; ANTUNES, M. T.; PAIS, J. (1987) – *Notícia Explicativa da Folha 53-B – Tavira*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- MONTEIRO, J. P.; GOMES, M. V. (1977) – Os menires da Charneca do Vale Sobral (Nisa). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 87, p. 189-206.
- OBERMAIER, H. (1924) – *El dolmen de Soto (Trigueros; Huelva)*. Madrid: Fototipia de Hauser y Menet.

PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, p. 45-84.

PAÇO, A. do; ARTHUR, M. L. C. (1952) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. 15^a. Campanha de escavações (1951). *Brotéria*. Lisboa. 54:3, p. 289-309.

SANCHES, M. J. (1996) – *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques (Serie Monografías y Estudios).

SANTOS, M. FARINHA dos (1971) – Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escorial. *II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. Actas, 1, p. 95-97.

SOBRINO BUHIGAS, R. (1935) – *Corpus Petroglyphorum Gallaeciae*. Compostellae: Seminario de Estudos Galegos.

VEIGA, S. P. M. E. da (1886) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.